

ASSIGNATURA
EXTERIOR
4 numeros 16\$000
BRASIL
4 numeros 10\$000
N.º avulso — 3\$000
N.º atrasado 4\$000

Redactor-Secretario
Barretto Filho

A Ordem

(ORÇÃO DO CENTRO D. VITAL)

DIRECTOR — JACKSON DE FIGUEIREDO

Toda a correspondência deve ser dirigida para a

B. Rodrigo Silva, 7
RIO DE JANEIRO

Gerente
Luiz A. Ramos

A questão de sempre é saber se o homem deve nascer, viver, unir-se, morrer, receber, transmitir e deixar a vida como uma creatura de Deus, a Deus destinada, ou como uma larva aperfeiçoada, unicamente originaria das fermentações do lodo da terra.

L. VEUILLOT.

SUMMARIO

BIBLIOGRAPHIA

Letras Brasileiras:

Pae e Patrono — *Andrade Muricy*.
Ensaíos de Critica — *Hamilton Nogueira*.
Outras terras e outras gentes. — O Catholicismo e a Mulher. — A serpente que dança. — *J. de F.*

OS NOSSOS LIVROS

Cartas de — *D. Sebastião Leme, Emile Dermenghem, Auguste Viatte e Tristão de Athayde.*

Catalogo da Livraria Catholica.

A esta hora.
A Igreja e o Estado perante o casamento e o divórcio.
A união da raça latina.
Reflexões contra-revolucionárias — *Hamilton Nogueira*.
O «Laicismo» na revolução francesa — *Perillo Gomes*.
Pode, deve o homem culto e intellectual chegar a ser um crente? — *Pe. J. M. Madureira, S. J.*
Da interpretação dos factos historicos (continuação) — *Mello Vieira*.
Ode á Cruz Alta — *Francisco Costa*.
O milagre das asas — *Durval de Moraes*.
Morte de São Francisco de Assis — *Francisco Karam*.



15
TYPOGRAPHIA
DO ANNUARIO DO BRASIL
RIO DE JANEIRO

Aos amigos da "A Ordem"

Mais uma vez pedimos aos amigos da «A Ordem», que lancem as suas vistas sobre a sua nova phase, em que ella passa a sair trimestralmente, tendo, porem, cada volume, perto de 100 paginas.

O preço da assignatura, no entanto, será mantido (10\$000 por anno), passando cada numero avulso a custar 3\$000. Esperamos que os nossos amigos e assignantes façam justiça a esse novo esforço que fazemos, para manter a nossa revista, que, sem favor nenhum, possui hoje um lugar e um nome feito nos circulos intellectuaes do paiz. Esperamos ainda que fazendo justiça a esse esforço, os nossos amigos continuem a nos ajudar, reformando as suas assignaturas da «A Ordem», e interessando-se para que novas assignaturas venham nos trazer o seu auxilio.

Banco do Districto Federal

Sob a potecção de B. Theresinha
do Menino Jesus

Rua Buenos Ayres, 21 — Caixa Postal, 900

Presidente: DR. PLACIDO DE MELLO

Federação das "Caixas Raiffeisen"

Paga os melhores juros aos depositos



A ESTA HORA

«É necessario, dizia José de Maistre, fazer com que os homens attentem sempre na historia, que é o primeiro mestre em politica, ou, dizendo melhor, o unico. A historia é a politica experimental, isto é, a unica que presta, e, como na physica, cem volumes de theorias especulativas desaparecem em face de uma unica experiencia. Do mesmo modo, na sciencia politica, systema algum pode ser admittido se não como corollario mais ou menos provavel de factos bem verificados.»

A mocidade do Brasil — que é a quem nos dirigimos sempre, nós os theoricos da ORDEM, a mocidade do Brasil deve gravar na consciencia estas soberanas palavras de José de Maistre.

A esta hora, em que o Brasil se debate, ensanguentado, numa lucta tão esteril quão perigosa e triste, é preciso, primeiramente, que não haja logar para o scepticismo ou o commodismo com que muitos espiritos se affastam da politica, sob o pretexto de que é um campo fechado para as boas vontades e um dominio de deshonra e de infamia.

São, inconscientemente ou não, pouco importa, mas são verdadeiros inimigos do Brasil os que assim pensam ou agem.

Se, em nossa patria, a politica se fez essa arena de interesses mesquinhos e miserias e baixezas enormes,

foi justamente porque o consentiram os homens de bem, foi justamente porque os homens de bem não tiveram coragem para fazer frente aos homens sem caracter e sem dignidade. E o que é necessario, justamente, é que aconteça o contrario, é que os homens de bem reajam, tomem coragem, sendo claro como o sol que um homem de bem. se se determina a lutar, vale por cem patifes, vale por mil creaturas sem fé e sem dignidade.

Não ha, pois, duvidar que a victoria caberá aos homens de bem, no dia em que os homens de bem se lançarem com animo no campo politico, no campo onde imperam, a esta hora, homens sem ideal e sem dignidade. O que é certo, o que é absolutamente certo é que, sem politica, não ha patria nem ha sociedade, não ha bem estar assegurado, nem cultura, nem riqueza, nem base sobre que repousar a agitação individual, pois, nem mesmo a religião pode desenvolver-se, nem actuar beneficamente sobre os homens, e maximé sobre a massa commum dos homens, se a politica não lhes assegura direcção e governo, se é que se pode mesmo conceber a idéa de povo, sem ligal-a á idéa de disciplina, orientação, sciencias de selecção e harmonia de interesses temporaes.

Mas a politica não pode ser sómente a obra grosseira do instincto. Ella tem que definir-se como uma verdadeira arte, o que subentende uma sciencia, no sentido da disciplina, da ordem imposta aos conhecimentos que a experiencia revela, e é isto mesmo que constitue a civilização de um dado povo: a maior ou menor vastidão e segurança do systema de idéas que o dirigem, na realização dos fins moraes, que o esforço colectivo requer, e a intuição lhe revelou logo, ao surgir para a vida.

A unica mestra, ou melhor, o terreno, o campo destas experiencias, que, comparadas, relacionadas, se devem transformar em idéas directoras da collectividade, tem que ser, como disse José de Maistre, a historia, a

memoria dos povos, o espelho em que se reflecte e se affirma a sua identidade.

A mocidade brasileira deve, pois, a esta hora, hora tão triste, de tão extravagantes desvairos, recorrer á grande mestra dos povos. É não vacillar um instante e lançar ao desprezo, de uma vez por todas, os theoricismos, os parolismos, as papagaiações anti-nacionaes, anti-brasileiras, com que as gerações politicas que nos precederam, infelicitaram o Brasil.

O que ellas fizeram ahi está: monumentos de vaidade, monumentos de fantasia, de que tudo foi importado, e, em redor delles, esses campos devastados por uma lucta fratecida, e as hyenas, e os chacaes do capitalismo estrangeiro fartando-se de nutrientes despojos...

Politica infame, a girar eternamente sobre a idéa fixa dos empréstimos, que se malbaratam nas luctas internas ou nos arranjos entre os representantes de quem empresta e os politicos feitos nas festas de uma plutocracia eminentemente mediocrisante.

A historia do Brasil tem, graças a Deus, verdades evidentes, que nem mesmo a pura má fé, se é intelligente, ousa negar. Uma dellas é que o povo brasileiro se formou e se fez relativamente grande e poderoso sob o governo forte, o governo sem fogos de artifício da Metropole.

Foi sob o peso desse governo eminentemente autoritario que se temperou o nosso character, o character dos patriotas que, á hora precisa, fizeram a Independencia e, com ella, a aureola de respeito que logo merecemos do mundo civilisado.

A independencia do Brasil, pois, o que nos deveria garantir era a descentralisação administrativa, tão necessaria a um paiz com tantos interesses divergentes, mas assegurar-nos tambem essa unidade de acção politica, de que só os governos fortes, de facil movimentação e larga continuidade, são capazes.

A bambochata dos três poderes que se «harmo-

nizam» no perpetuo combate, em que sempre os conhecemos, esta, só nos tem valido — na Monarchia ou na Republica — o ridiculo, ás vezes, e quase permanentemente o desasocego, a inquietação e as catastrophes revolucionarias.

A outra verdade que resalta, evidente, da nossa historia, é que o povo brasileiro é uma obra da Igreja Catholica, é um povo catholico, e que só pode ser governado de accordo com a sua natureza e temperamento historicos, isto é, reaes, se o governo não só reflecte mas é, em essencia, um resultado desta natureza e deste temperamento.

Os governos que, ao contrario, pela natureza mesma dos principios de philosophia social que representam, são inimigos da Igreja, são instrumentos de destruição do Christianismo, esses governos são, para o povo brasileiro, verdadeiros despotismos, verdadeiras tyrannias.

Elles só merecem respeito na medida que moderam a sua anti-brasilidade, ou quando surgem a combatel-os ideaes ainda mais anti-christãos, o que quer dizer, ainda mais anti-nacionaes.

Mas não é possivel que um povo se mantenha unido e forte. na posse da sua consciencia, se não reaje contra uma tal incoherencia na sua vida interna.

A mocidade brasileira deve, portanto, não ter mais illusões em face desta engrenagem anti-christã que, nas dobras de um supposto manto democratico, vae enfraquendo em nossos lares o sentimento religioso e roubando á infancia a gloria de ser educada pela Mestra suprema dos homens.

A esta hora, diante das terriveis desgraças espalhadas por todo o territorio nacional, não ha mais que vacillar. É, com os olhos attentos em nossa historia, reconhecer que a obra dos nossos avós tem muito mais direito á vida que as illusões dos nossos paes.

A EGREJA E O ESTADO PERANTE O CASAMENTO E O DIVORCIO

Subordinado a este titulo publicou «O Commentario», brilhante e séria revista quinzenal, dirigida pelo nobre espirito de Veiga Miranda, um artigo, onde se critica a acção da Igreja no que diz respeito ao estabelecimento, nos paizes que adoptam o Estado neutro, do divorcio, que é por Ella formal e radicalmente combatido.

E para sustentar o ponto de vista em que se colloca, offerece esta critica os seguintes argumentos:

«I — O Estado leigo não legisla para christãos, budhistas, ou mahometanos. Dentro do seu territorio cabem todas as crenças, e com ellas todos os principios moraes e todos os conceitos ou preconceitos em materia de amor e da organização da familia.

A legislação deve reflectir e homologar os costumes.

Ora, os costumes actuaes já não comportam a conservação das tradições da familia brasileira, mas, ao contrario disto, estão a exigir uma elasticidade muito maior nos laços com que ella se estabelece;

II — Se a Igreja não reconhece a validade do casamento civil, com que direito se oppõe Ella a que este casamento se desfaça? Se o Estado, no dizer da Igreja, pratica apenas um arremedo quando se mette a celebrar contractos de casamentos, pouco importa á Igreja que

esse mesmo Estado descelebre taes casamentos, que para Ella nunca existiram;

III—Não vale invocar, neste terreno, a moral religiosa. Esta o Estado neutro não reconhece, nem póde reconhecer. A unica, que lhe é licito levar em conta é a moral da época, a qual é a consonancia dos costumes, evolve com elles, com elles se altera, e reflecte, apenas, a indole, o temperamento, e as tendencias practicas de determinado periodo.»

Nada disto procede, como passaremos a demonstrar, em rapidos traços. O assumpto é dos que empolgam, mais do que nenhum outro, os curiosos dos factos sociaes, na sua superveniencia, nos seus desenvolvimentos, e nas suas consequencias. Mas, a natureza da réplica, que de nós se exige: um ligeiro commentario; e a exiguidade de espaço, que se nos concede, não comportam longas explanações. Limitar-nos-emos, portanto, a bordar algumas considerações, breves, rapidas, e succintas, mas, nem por isto, destituídas de interesse ou de solidez.

I

Só pelo desconhecimento completo do papel da Igreja, e da missão que Ella foi chamada a desempenhar nos destinos da humanidade, é que se poderá accusa-la pelo facto de querer immiscuir-se na legislação relativa ao casamento. De facto. Não ha quem ignore que para a Igreja o casamento é um sacramento.

Ora, sacramento é, na bella expressão de Santo Agostinho, «o signal de uma coisa sagrada», ou em termos differentes, é uma coisa visivel instituida para significar outra que escapa aos dominios do sentido, e que é nada mais nada menos, do que a graça com

que Deus envolve de santidade e de justiça a alma de quem o pratica, ao sacramento.

Mas, quem é o autor dessa instituição? Para um catholico, nunca é duvidosa a resposta: Deus, é a expressão que lhe sae, prompta e carinhosa dos labios.

Nestas condições, desde que o matrimonio foi elevado á cathegoria de sacramento, quer isto significar que a união do homem com a mulher foi instituida pelo proprio Deus, o Qual, para ella, exige condições e graças especiaes e peculiares, que só liberaliza áquelles que se submettem ao signal vizivel, que é considerado como constituindo a fôrma do sacramento do matrimonio.

Para a Egreja, portanto, não póde haver matrimonio fóra do seu seio. Porquanto Ella se considera como a depositaria da vontade divina.

Ora, se tal é o seu papel, não ha como extranhar que Ella impugne o casamento civil, onde quer que o pretendam introduzir, uma vez que Ella, sendo a representante genuina de Deus, legisla para a humanidade toda, que a Este deve obediencia e respeito, e não para certa classe de homens sómente.

Esta é a verdadeira doutrina, que nunca foi contestada no seio da Egreja, e que vimos expressada, com brillantismo, entre muitos outros, por Phillips (Du Droit Ecclésiastique — 2.^a ed. — vol. 2.^o, pag. 275):

« Jésus Christ doit régner, et son règne doit s'étendre sur toute la race humaine.

En conséquence, tous les hommes ont le même droit à être admis dans le sein de l'Église, quelles que soient d'ailleurs leur origine, leurs qualités, leur patrie! Hommes ou femmes, vieillards ou enfants, de tel siècle ou de tel autre, par cela seul qu'ils appartiennent à la nature humaine, ils sont appelés à prendre place dans le royaume du Christ; l'Église ne connaît aucune frontière; il n'y a pour elle ni continent, ni île, ni montagne, ni vallée, ni mer,

ni rivière, ni zone, ni partie du monde. Le genre de vie, la condition sociale, sont choses également indifférentes; nomades ou policés, chasseurs ou laboureurs, guerriers ou ouvriers, princes ou esclaves, savants ou ignorants, riches ou pauvres, toutes ces distinctions, purement humaines, l'Église ne s'en préoccupe pas plus qu'elle ne s'inquiète de savoir à quelle race appartiennent ceux qu'elle regarde comme ses enfants; Grecs ou Romains, Germains ou Slaves, tous sont, au même titre, citoyens du royaume de Jésus-Christ.»

E, um pouco mais adiante, (Ibid. pag. 276), acrescenta:

« Et voilà pourquoi le divin fondateur de l'Église lui a conféré d'avance un droit de domination qui s'étend sur le genre humain tout entier; tous les pouvoirs qu'il a reçu de son Père, il les a transmis à ses apôtres, en y ajoutant la mission d'aller instruire et baptiser tous les peuples.»

Vemos, desta maneira, que a Igreja, em principio, tem jurisdição sobre toda a humanidade. Nada, por consequencia, que a esta interessa, nos seus destinos, na sua felicidade, e no seu procedimento, póde ser extranho á Igreja. Se esta, na sua missão de eterno apostolado, deve esforçar-se por inculcar no espirito dos homens o sopro divino de seus preceitos, como poderá assistir muda e quêda que no seio delles se implantem habitos e costumes, como os do divorcio, que tão fundamente contrariam aquelles preceitos, sem obediencia aos quaes não póde haver verdadeira prosperidade.

Mas, porque o Estado é leigo, e, por consequencia, acolhedor de « todos os conceitos ou preconceitos em materia de amor ou da organização da familia », deve a Igreja cruzar os braços ante as tentativas de implan-

tação do divorcio nas sociedades de cujo governo a divorciaram?

Antes de mais nada, este argumento não colhe contra Ella, que nunca reconheceu, em these, o Estado neutro. Para ella tal organização politica é uma abusão, contra a qual nunca cessou de conclamar e protestar.

Em segundo logar, o facto de ser o Estado indifferente em materia religiosa, não implica isto, por parte da Egreja, em reconhecer que os subditos d'elle, emquanto membros da especie humana, não sejam filhos della

Quer queiram, quer não, os homens não podem deixar de ser creaturas de Deus, e, nestas condições, entes sujeitos á dominação de Jesus-Christo e de sua Egreja.

Como, á vista disto, extranhar que a Egreja trabalhe por impedir que a legislação civil não consigne, no seu texto, o principio do divorcio, que tão radicalmente contraria a legislação canonica?

Como, ante estas considerações, extranhar a attitude da Egreja, se para ella, neste terreno, o Estado nada mais é do que prepotente usurpador de suas attribuições?

II

Nenhuma contradicção existe no procedimento da Egreja, quando combate o divorcio na legislação civil, que ella não reconhece.

Pelo facto de haver ella tolerado o mal do casamento civil, forçada pelas contingencias do mundo moderno, cujos governantes lhe fecharam os ouvidos ás admoestações mais severas, não se segue que deva ella tolerar um mal incomparavelmente muito maior como o divorcio.

O casamento civil é um erro funesto, porque ao Estado fallece meios de actuar sobre a consciencia dos conjugues, e, bem assim, competencia para prescrever-lhes deveres que relevam do dominio desta, e que uma vez menosprezados dão em resultado a familia tal como no-la offerece o mundo moderno: sem principios, sem pudôr, e sem os costumes austeros, que foram o apañagio e a honra da familia de outr'ora.

Em todo o caso, porém, a estabilidade e a perpetuidade do laço conjugal, que é a base externa fundamental da familia, e que lhe assegura a possibilidade de preencher a missão que presidiu á sua formação: o ampaio mutuo e a educação da prole, isto o casamento civil, nos moldes da actual legislação brasileira, não entorpece, nem impede.

E por que é assim, a Igreja tolera tal casamento, certa de que, com a sua acção maternal e persuasiva, conseguirá convencer os que o contraem, e que de seu altar tambem se approximam, que os beneficios espirituaes e moraes que para elles resultam do matrimonio são fructos exclusivos das graças inherentes ao sacramento. e que o casamento civil deve ser por elles encarado apenas como um contracto garantidor da situação material dos conjugues, e de sua prole, no que diz respeito aos bens.

Mas. quanto ao divorcio, tudo é radicalmente diferente. Este é erro, que não admite complacencias, por isto que solapa o matrimonio na sua base, na sua razão de ser, nos fins mesmo que o justificam. A fidelidade perpetua e a assistencia mutua duradoura, que os conjugues se prometteram, quando se uniram, desaparece para dar logar a um simples accordo e entendimento de character puramente provisorio. Com elle não será jamais possivel a confiança, que só as uniões definitivas geram. Com o estabelecimento delle as relações entre paes e filhos, e destes entre si, perdem a simplicidade e o affecto, que só fructificam no lar, que

não perece com o embate das paixões egoísticas exaltadas.

Justa, justíssima, é, por consequencia, a opposição da Igreja a este nefasto instituto social, tanto mais quanto, profunda conhecedora do coração humano, sabe ella o perigo que representa, mesmo para os seus filhos, esta brecha das paixões inferiores aberta na legislação de um paiz.

Já Jesus Christo dissera: «o espirito está disposto, mas a carne é fraca». Quando a lei não consente no divorcio, certas desintelligencias entre casaes, cedo se dissipam, porque a legislação não suggestiona, com as suas facilidades, o animo dos que passageiramente se desavieram; não se acha alli ao lado o abysmo, que attrae as imprudencias mal contidas. A certeza de que a lei é um obstaculo intransponivel, obriga o homem a refrear as paixões que o agitam, para só dar ouvidos á voz serena da razão, que o aconselha a dominar-se e sacrificar-se em beneficio de sua prole, e da communi-
dade, onde vive.

III

Não sabemos, nem podemos comprehender como, neste terreno, se queira abstrahir da moral, cuja obediencia aos seus preceitos deu em resultado esta civilizaçã christã, que é, mui justamente, o orgulho do mundo.

Offerecendo ao senso juridico contemporaneo o producto de suas pacientes observações, dizia Ripert em livro recentissimo (*La règle morale dans les obligations civiles* — pag. 1):

« Je me propose de montrer par le rapprochement de ces questions que le droit dans sa partie

la plus technique reste dominé par la loi morale, démonstration qui peut offrir quelque intérêt, non par sa nouveauté, mais parce qu'elle est faite de nouveau à une époque où l'on enseigne la rigoureuse séparation de la morale et du droit.»

E logo adiante, á pag. 2, o eminente mestre interroga:

« Le monde moderne dans son organisation juridique est-il arrivé à créer un droit qui se suffise à lui-même ou bien reste-t-il dominé par la grande loi morale qui depuis des siècles de christianisme régit les âmes des peuples européens? »

para responder preciso e positivo:

« Je voudrais rechercher l'influence de la loi morale dans l'élaboration pratique des règles de droit par le législateur et par le juge; et je n'entends pas par loi morale, je ne sais quel vague idéal de justice, mais cette loi bien précise qui régit les sociétés occidentales modernes et qui est respectée parce qu'elle est imposée par la foi, la raison, la conscience, ou tout simplement suivie par l'habitude ou par respect humain. » (Ibid. pag. 5).

Como se acaba de verificar, através da experiência de um dos maiores mestres do direito, já se vê começando a reagir, no próprio meio jurídico, contra a aberração, de tão funestas consequências, de estabelecer uma completa separação entre o direito e a moral.

Os dados fornecidos pelos factos sociais contemporâneos forçam a inteligência a confessar que a lei moral impugna com os dictames de seus preceitos o ambiente, onde se move e agita o mundo jurídico.

Mas que lei moral é esta? Aquella que o christianismo nos ensinou, pregou, e legou; aquella sobre a qual se construiu o mundo moderno que explende nas sociedades occidentaes do velho e do novo continente; aquella, enfim, que formou esta latinidade, que tamanhos monumentos de sabedoria, de prudencia, e de grandeza soube levantar no occidente.

E, note-se, o campo, a que Ripert reduziu a sua investigação é o das obrigações, porque

« dans le droit de la famille, la démonstration eût été trop facile ». (Ibid. pag. 3).

Assim, pois, como recusar na formação da familia, nas relações de parentesco que ella gera, nas obrigações pessoaes e sociaes que della necessariamente derivam, as imposições da moral, no respeito de cujas leis encontrou ella a sua grandeza e durabilidade?

Nestas condições, longe de se querer constituir uma lei moral matrimonial com os habitos, os costumes, e as tendencias da época presente, o que é preciso fazer é mudar estes habitos, estes costumes, e estas tendencias ás prescripções de uma lei moral que lhes seja anterior.

A lei moral é essencial e fundamentalmente normativa. Deve ser o padrão pelo qual se regularão os costumes e o procedimento dos povos.

O contrario disto é um contrasenso, como muito bem faz resaltar o mesmo Ripert (Ibid. pag. 70):

« Loin de jouer leur rôle de directeurs, ces juristes s'efforcent d'entraîner la jurisprudence à plus de molle complaisance dans le contrôle des rapports contractuels. Ils l'invitent à sanctionner les habitudes alors même qu'elles ne s'affirmaient que dans les defaillances de la conduite. Ils enlèvent toute fermeté à la règle morale pour en faire la

simple formule de pratiques inspirées par le jeu des passions humaines.»

A realidade, porem, tem tido, pelo menos nos pretorios, mais força do que estas tendencias anarchizantes, na ordem moral, dos superficiaes estudiosos do phenomeno social. É o que nos dá conta ainda Ripert (Ibid. pag. 71):

«Les tribunaux résistent à ces pitoyables suggestions. Ils savent qu'ils sont les censeurs des passions humaines et non leurs serviteurs. Ils ne croient pas que la mode fasse la justice. Et c'est un grand émerveillement de voir dans une société ou la débauche, le jeu, la corruption, la spéculation, l'enrichissement injuste sont regardés avec indulgence par l'opinion publique, les tribunaux ne pas tolérer que de pareils mobiles puissent inspirer des conventions valables.»

Que dizer, então, da constituição da familia, célula primordial e substancial da sociedade? Será possível que ella, que deve se formar ao influxo de sentimentos sãos, que deve crescer e medrar num ambiente de pudor e respeito, ha-de adoptar como norma de sua constituição a complacencia criminosa dos costumes modernos, que proclamam a inexistencia de leis para o amôr, além das que promanam da sentimentalidade doentia dos corações mal educados? Será possível, que se queira que a Igreja, que buscou sempre tornar santo e puro o lar, onde se forma o caracter da juventude, assista impassivel e inactiva tamanho desregramento?

A UNIÃO DA RAÇA LATINA

Graças á gentileza da redacção do «A. B. C.», offerecemos, hoje, á meditação dos nossos leitores, estas admiraveis e opportunas palavras de Charles Maurras, transmittidas ao Brazil atravéz daquelle vibrante hebdomanario.

Conhecidas as nossas idéas anti-democraticas e anti-revolucionarias, é com real enthusiasmo que transcrevemos o pensamento forte e sempre exacto do grande chefe da contra-revolução.

«— Mas que Latinidade? Devo definir meu pensamento desde o inicio dessa nossa palestra. No curso de todo o seculo XIX, e especialmente na sua segunda metade, a questão da união latina foi thema de numerosos discursos sem entretanto alcançar qualquer resultado sério e fecundo. E' que os oradores eram sempre, de alguma maneira, delegados maçonicos do espirito revolucionario. Como realizar uma união sobre principios anarchicos, dissolventes, e que, por um bizarro paradoxo, tendem precisamente a perturbar ou mesmo a perseguir aquillo que é o elemento commum da Latinidade? Que significa uma Latinidade contraria á ordem politica e moral descoberta e ensinada por nossos paes

e por nossos mestres latinos? Que é uma Latinidade anti-catholica, isto é lutherana ou wiclefianna, anglicana ou germana? Si quizermos a união dos povos latinos, união duravel que os ligue solidamente uns aos outros, devemos, antes de tudo, recorrer ao que nos caracteriza a quasi todos, sem excepção: a Catholicidade. Não se trata aqui unicamente de dogmas religiosos. A minha posição a este respeito é conhecida. Tratam-se dos altos principios da ordem, da autoridade, da administração interior e exterior, das affinidades na forma de sentir e na vida social, herdadas da antiguidade classica e de que a Egreja romana se fez a sentinella solitaria e incomparavel. Tratam-se de costumes, de expressões de ser e de julgar. Só o vinculo catholico nos pode unir. Só elle tambem nos permittirá aggregar a Latinidade e fazer entrar no rythmo romano povos que, á primeira vista, parece deverem se afastar de nós. Não falo, entende-se, dos canadenses, dos belgas ou dos suissos romanos, nossos irmãos de lingua e de raça; mas de muitas intelligencias hollandezas, expressivamente catholicas ou romanisadas; refiro-me ás grandes fidelidades polacas e aos innumerados inglezes e americanos catholicos com os quaes a obediencia romana nos daria a possibilidade de uma liga espiritual superior, universal, englobando não sómente os povos ditos latinos, porém, todos aquelles regenerados ao influxo catholico. Já que se proclama tanto a Internacional, porque não meditar sobre uma Internacional dos povos que cresceram sob o signo da Catholicidade? A influencia mesma dos anglosaxões, que é discutivel em alguns pontos da America Latina, seria amplamente rectificada e melhorada por essa intervenção de inglezes ou de americanos que seu catholicismo, que sua fé, que suas doutrinas, que seu pensamento e sua concepção approximassem de nós. Não esqueçamos, por outro lado, que todos os Latinos, quer estejam acampados no Danubio, como os rumenios, quer povoem um continente como os ibero-americanos, são

todos originarios do Mediterraneo. Elles provêm do prototypo do nosso mar. A despeito da acção dos seculos, dos climas, das constituições politicas, das convivencias historicas, o *homo mediterraneus* reconhece facilmente seus irmãos por mais longinquos que elles estejam. Ha mais maneiras de pensar, de sentir, de conceber, communs entre um francez, um italiano, um sileiro e um mexicano, que entre um francez e um dinamarquez, ou entre um italiano e um finlandez. Nossas linguas propalam a hereditariedade de nosso pensamento. Ellas têm uma mesma mãe. Ahi está ainda um maravilhoso instrumento de identificação e de comprehensão. Temos todos raizes e modalidades que causa alegria encontrar em uns e outros. E' necessario utilizar tudo isso com methodo, sem jámais abdicar de nosso patriotismo nacional. Cada Estado deve viver conforme sua tradição pessoal, ou conforme as circumstancias peculiares que é preciso sempre levar em conta. Para não citar sinão um exemplo: qualquer que seja a nossa amizade pelas republicas da America do Sul, nunca nos viria a idéa de lhes impôr, nem propor mesmo, a monarchia. Não nos assemelhamos a esses jacobinos que elaboram para o universo inteiro um modelo unico de de governo! A experiencia da França lhe ha demonstrado eloquentemente que apenas o regimen monarchico convem ao seu character e aos seus interesses. Esse regimen é exigido por necessidades ineluctaveis; nossos desejos e nossa actividade não têm outro objectivo sinão realisar no presente uma restauração da qual o nosso paiz experimentou já no seculo passado os immensos beneficios. *Esta idéa limita-se naturalmente ás nossas fronteiras.* Não é menos verdade que saudamos com a mais profunda admiração a prodigiosa reconstituição nacional apprehendida por Mussolini sob a egide da Casa de Saboya, ou da outra banda dos Pyrineus, por Primo de Rivera. A combatividade dos realistas portuguezes pela volta da monarchia e de D. Manoel, não

póde evidentemente sinão suscitar nossas sympathias, nossos votos, nossas esperanças, embora conservemos um inabalavel respeito pela independencia dos povos amigos. Para a vasta familia da America Latina, uma das mais bellas da Latinidade, aspiramos sobretudo a consolidação geral de um estatuto politico estavel que torne menos violenta a luta dos partidos e permitta a continuidade de acção nesses paizes. Ahi são possiveis pujantes e tranquillās republicas aristocraticas ou burguezas. Que o possivel se effective. Que o desejavel não tarde. Esses colossaes territorios, a onde os descendentes dos hespanhóes e dos portuguezes da época heroica conservaram intactas as tradições mediterraneas, formam os mais admiraveis campos de acção. A agricultura, a pecuaria, as minas, os portos, os caminhos de ferro, as construcções navaes, o urbanismo, tudo ali solicita o trabalho. Para que esse esforço não seja desperdiçado, para que dê seu rendimento máximo, elle se deve exercer no sentido das theorias que regem o pensamento latino, e não absolutamente seguindo os erros revolucionarios que o conduziriam a lamentavel desordem inspirada de Moscou e de Wittemberg. Digamos a esses amigos:—a Democracia não vale mais que a Demagogia, e a historia inteira mostra que ella confina com a anarchia. A causa latina é a causa da *archia*, a causa da ordem. Mais que nunca, os filhos da loba romana precisam se unir para defender a antiga herança. A barbaria encurralou a Latinidade europeia; ella ameaça tambem, ainda, que por meios indirectos, a Latinidade sul-americana. Só uma acção accorde, uma união constante de todos os latinos nos póde salvar e salvar o mundo occidental desse catacylsmo latente! Para que essa obra de reconstrucção e de salvacão latinas triumphe, eu desejaria que ella começasse por uma auscultação de nossas forças communs. Sonho de preferencia ver reunido por exemplo em Roma, umbigo da Latinidade, centro eterno do *homo mediterraneus*, um con-

gresso de todos nossos irmãos espirituaes. Convidariamos para essa assembléa, com todos que falam italiano, hespanhol, portuguez, os belgas, os canadenses, os suissos romanos, os hollandezes sympathicos, os polacos, os anglo-saxões de confissão catholica; crentes ou incredulos, não temiriamos abrir nossos trabalhos por uma homenagem dirigida ao guarda natural das grandes leis do espirito humano, quero dizer o Papa de Roma. O conceito da ordem e da autoridade, uma vez reconhecido e saudado por homens vindos do Rio e de Buenos Aires, de Bucarest e de Quebec, não faria isto com que nos sentissimos melhor protegidos contra a invasão dos Barbaros? Taes são nossos anhelos. Elles patenteiam que as campanhas da *Acção Franceza* não perdem no estrangeiro a marca da universalidade latina. Nacionalistas e monarchistas, porque acreditamos que uma França maior, uma França potente, é indispensavel á Latinidade, fazemos tambem profissão de fé no latinismo porque não sabemos de recurso mais seguro de collaborar para o progresso do espirito e da felicidade do genero humano.

REFLEXÕES CONTRA-REVOLUCIONARIAS

I

A continuidade, diz muito bem Alberto Sorel, é a grande lei da Historia. E é por isso que factos sorprendentes, factos aparentemente espontaneos que surgem no decorrer dos tempos, e parecem, ás vezes, dividir os acontecimentos humanos em phases isoladas, em que os individuos e ás idéas se transformam de subito, estão, na ordem natural, ligados á lenta evolução dessas mesmas idéas, que encontraram, num dado momento historico, todas as condições favoraveis á sua impressionante manifestação pratica.

« C'est par la tête que le poisson pourrit ». Sim, nada mais verdadeiro do que esse velho proverbio, tão amado de Maurras, proverbio cujo symbolismo contem uma das grandes verdades psychologicas a que não póde contestar a experiencia humana.

Realmente, as idéas chegam á vontade passando pela intelligencia, e é incontestavel que ás nossas idéas metaphysicas, aos conceitos que fazemos de Deus, do universo, do homem e de suas relações, estão subordinados todos os nossos actos. Vem dahi a verdade desse pensamento de Pascal, de que « toutes nos actions et

nos pensées doivent prendre des routes si différentes, selon qu'il y aura des biens éternels à espérer ou non, qu'il est impossible de faire une démarche avec sens et jugement qu'en la réglant par la vue de ce point». E Paul Bureau, incontestavelmente uma das maiores autoridades da sciencia social contemporanea, chega á conclusão dessa mesma verdade quando affirma que «toute vie d'homme est la traduction vécue d'une métaphysique consciente ou inaperçue».

Por isso, como iamos dizendo, não ha acontecimento historico, por mais independente que aparentemente o seja, que não se relacione a um determinado grupo de idéas, idéas que constituíram, por assim dizer, o ambiente intellectual que o precedeu.

Quando uma profunda transformação politica modifica radicalmente a constituição de um povo, as idéas que a determinam não surgem nesse mesmo momento, mas de ha muito já vêm actuando sobre a mentalidade desse mesmo povo.

Referindo-se á Revolução Franceza, observa Jacques Bainville: «Pour comprendre la politique de la Révolution, il faut tenir avant tout le plus grand compte de ce fait que les hommes ausquels elle dut sa direction initiale et le coup de barre qui allait marquer sa route pour vingt-cinq ans, *apportaient des idées et des préjugés formés sous l'ancien régime*».

Ora, não só á Revolução Franceza, mas tambem a outros notaveis acontecimentos historicos que conseguiram mudar o rumo politico de grandes nações, podemos, sem medo de errar, estender essa penetrante e exacta observação de Bainville.

Quéda do Imperio Romano, Renascimento e Reforma, não foram, porventura, a realização historica de idéas, ardentemente agitadas em periodos anteriores?

Não precisamos ir muito longe, aqui mesmo, no Brazil, da Independencia á Proclamação da Republica, não houve nenhum acontecimento extraordinario que se

não ligasse a aspirações anteriores, se não da totalidade, pelo menos de grande parte da gente culta do paiz.

E' certo que, ás vezes, pela mudança rapida que se opera nos destinos de um povo, consecutivamente á impressionante manifestação de um facto historico, costuma-se considerar esse mesmo facto como independente de causas anteriores, como a origem de uma nova era sem a menor ligação com os tempos que a precederam, como a fonte de novas idéas a que mais cedo ou mais tarde se amoldarão os novos costumes.

Ora, tudo isso se explica naturalmente pelo facto de que, emquanto a idéa, abstracta por natureza, permanece por longos annos confinada no ambito limitado de uma élite intellectual, o facto historico, dada a maior evidencia de sua realidade objectiva, certamente impressionará de modo mais profundo a consciencia das massas humanas.

Do ponto de vista das idéas puras, ellas, idéas, só actuam verdadeiramente sobre a alma collectiva, quando vão adquirindo a forma de proposições vulgares. E' talvez, neste sentido, que se deva interpretar este pensamento, tão expressivo, de Taine, de que «uma doutrina não se torna activa sinão quando se torna *céga*».

Sobre essa mesma questão, nada se perderá em conhecer tambem o pensamento sempre exacto de Jacques Maritain:

«Plus une doctrine devient vulgaire, diz esse notavel philosopho, plus elle devient stable; lorsque les savants l'ont deja presque oubliée, elle demeure dans l'esprit public sous forme d'habitudes de pensée fixées dans le langage et incroyablement enracinées.»

Outro facto que se não deve esquecer no estudo da acção das idéas, está na maneira como são transmitidas ás massas humanas. Abandonae-as nos livros dos sabios, sob a secura das fórmulas scientificas e philosophicas, e sómente, por uma lenta acção através de

muitas gerações, conseguirão fazer vibrar a alma colectiva. Empréstae-lhes, agora, o calor da metaphora, a força de uma impressionante vontade individual, e a scintilha se propagará rapidamente ás almas mais refractarias ao enthusiasmo.

E' por isso que em toda a transformação social, não se deve esquecer a força preponderante do elemento individual, concretizado, muitas vezes, na vontade ferrea dominadora de um ou de alguns homens.

«L'évolution des mœurs et de la science, observa muito bem Petitot, résulte de deux principes complémentaires qui s'entr'aident sans se confondre: l'élément social et l'élément individuel. Aucune invention considérable, aucune création artistique éminente, aucun grand progrès historique, moral, social, politique, ne s'est opéré sans l'intervention d'une individualité puissante. S'il est vrai que le génie ne peut rien sans le concours social, la société ne peut pas grand'chose sans la direction du génie individuel».

Si é certo, por exemplo, que algumas condições do momento, como a terrivel crise financeira que atravessou a França, a alliança com a Austria — admiravel manobra diplomatica de Luiz XVI, infelizmente incomprehendida pelo seu paiz — favoreceram e apressaram a eclosão violenta e impetuosa da Revolução, não é menos certo que as causas determinantes dessa sanguinolenta tragedia social estavam contidas nas idéas subversivas que então dominavam toda a mentalidade franceza.

De ha muito que a impiedade insolente e anti-patriotica dos encyclopedistas se propagára á alma do povo, que só se prendia, ainda, á tradição gauleza, pelos frouxos laços de uma monarchia, dirigida por um rei intelligente, bom, diplomata habilissimo, mas inteiramente destituído da qualidade unica que sustenta os governos e unifica os povos: *o senso da autoridade.*

Que faltava então para explodir o movimento revolucionario?

— O concurso, apenas, de alguns homens ousados.

Ora, desde os demagogos de praça publica até aos membros turbulentos da Assembléa Nacional, não faltaram ardentes incentivos ás paixões populares, que se desencadeiaram violentamente logo que á testa do movimento rebelde se collocaram alguns homens dotados de vontade e de ousadia.

A's vezes, mesmo, num determinado facto historico, tão poderosa é a influencia do elemento individual, que as condições do meio quasi desaparecem deante da força arrebatadora de uma forte personalidade. Por isso é que Carlyle chegou a dizer, com muita felicidade, que «a historia do mundo é a biographia dos grandes homens».

Na Reforma, póde dizer-se que o elemento predominante é a figura de Luthero, os outros factores permanecendo num plano secundario.

«Nous l'avons déjà remarqué, observa Maritain com muita precisão, la doctrine de Luther n'est elle-même qu'une projection de son moi dans le monde des verités éternelles».

E' incontestavelmente desse transbordamento do eu, da individualidade de Luthero, que vem toda a sua perniciososa influencia sobre a humanidade, influencia que se reflecte ainda na consciencia do mundo contemporaneo.

Si as idéas, actuando deste ou daquelle modo, influem innegavelmente na realização dos phenomenos historicos, estes ultimos, por uma acção reflexa, agem poderosamente e com maior intensidade sobre o curso das idéas.

«E poiché, diz Falchi, é ancora legge naturale che piû visibili siano gli effetti e piu energica la reazione dove piû violenta é stata l'azione, cosi la ripercussione ideale, come le conseguenze politiche della rivoluzine

furono piú sensibili e profunde dove essa si era com maggior intensità manifestata. Questo ci spiega chiaramente perché in Francia piú che in qualunque altra nazione, alla fine del secolo XVIII ed al principio del XIX sia stato vivo il movimento filosofico, né puramente speculativo, ma partecipante assai spesso, in un senso o in un altro, agli avvenimenti politici».

Essas reflexões acima, pautadas, não pelo critério absoluto da razão individual, mas sim pela mais serena analyse dos factos historicos, contem grandes verdades, verdades que devem ser profundamente meditadas pelos que se empenham, de algum modo, na organização da sociedade brasileira, dentro dos moldes seguros da experiencia e do mais alto bom senso politico.

El é preciso não as perder de vista, para que a trama tão complexa e tão delicada que envolve a genese dos nossos acontecimentos historicos e do nosso estado social, possa ser bem comprehendida por quantos se dedicarem ao trabalho restaurador das energias nacionaes.

Que a sociedade brasileira precisa de uma reorganização, é um facto incontestavel.

Por mais cynico ou pervertido que seja um brasileiro, elle não se arriscará, de modo algum, a affirmar o contrario.

Aliás, são as folhas mais réles, mais desmoralizadas, de nossa imprensa diaria — não sabemos si por um processo de intro-inspecção — as primeiras a apontarem o relaxamento innominavel dos nossos costumes sociaes e politicos. . .

Em todos os ramos de nossa actividade, observa-se a mesma anarchia, a mesma desordem, a mesma inconsistencia moral.

E poder-se-ia, porventura, dizer outra cousa de uma sociedade, em que magistrados, dos mais altos, pregam movimentos sediciosos contra os poderes constituídos do paiz, em que juizes, encarregados da defeza dessa mesma sociedade, são os mais apaixonados advogados dos assassinos da patria, quando não se arvoram em defensores publicos do divorcio, essa porta aberta para o amor livre e para a mais absoluta dissolução de costumes?

Deixemos de lado o nosso optimismo commodista, e encaremos os factos na sua realidade dolorosa, mas verdadeira, si é que, sinceramente, temos algum desejo de trabalhar pelo futuro do Brazil.

A situação presente é grave, mas não é desesperadora. Restam-nos ainda energias bastantes, e á sombra divina da bandeira de Christo se move um grande exercito, profundamente humilde, silencioso, mas conservador das forças vivas de nosso povo e das grandes verdades salvadoras da humanidade.

No emtanto, ao lado da fé no futuro deve-se ter o conhecimento exacto da realidade actual, e esta, pelo menos na sua apparencia exterior, é bem triste e bem desoladora.

Não é de admirar que um alto magistrado pregue o preludio do amor livre, quando, desgraçadamente, no seio das familias, as praticas anti-concepcionaes vão aniquilando a santidade do lar, vão trabalhando continuamente para o enfraquecimento da nacionalidade brasileira.

Triste sociedade, onde os mais bellos sentimentos de virtude e de pudor são ridicularisados por uma mentalidade de cocainomanos e de cretinos, emquanto o vicio se ostenta insolentemente pelas ruas e pelos salões!

Pobre paiz, onde os cidadãos já não possuem a mais ligeira noção dos seus direitos e dos seus deveres, onde o indifferentismo politico, o mais criminoso indif-

ferentismo pelos destinos da patria, se apoderou completamente da maioria dos espiritos!

Ah! bastante razão tinha Eduardo Prado quando nos avisava do grande perigo da illusão americana!

Hoje, essa illusão transformou-se numa realidade bem triste, pois, incontestavelmente á pretendida civilização *yankee* devemos responsabilisar o desmembramento, a ruina que se vae realizando no seio da familia brasileira!

Queixamo-nos muitas vezes dos males que nos manda a França, mas é necessario que se diga que ao lado do veneno recebemos o contra-veneno, ao lado das idéas subversivas e anarchicas recebemos tambem os verdadeiros principios de ordem que sustentam as civilizações.

E póde-se, porventura, comparar o idealismo francez, a sua sublime espiritualidade, á materialisação brutal de todas as faculdades espirituaes, ao mais grosseiro pragmatismo concebido pela intelligencia humana?

A America do Norte substituindo o *fim* pelos *meios*, a *divindade* pela *creatura*, o *espirito* pela *materia*, o *bem* pelo *prazer*, não poderia ter causado maior desgraça á civilização de nossa patria.

Aliás, que outra cousa se poderia esperar de um povo sem tradição, de uma sociedade *metéque* de judeus e de arrivistas?

Numa pagina admiravel delineia Petitot, com grande perspicacia de observação, a verdadeira essencia da mentalidade americana:

« Il suffit, diz elle, de parcourir les œuvres des pragmatistes, de William James par exemple, pour se rendre compte qu'en dernière analyse ils s'en rapportent sur cette question de l'utile aux opinions de leur milieu, aux tendances et au préjugés de la société dans laquelle ils sont nés. *Ce qui est utile, c'est l'esprit positif, l'énergie, la domination, la richesse, la force physique, la santé, la jovialité, le sport, les joies du home, les affaires, les manufactures, les chemins de fer, les connais-*

sances positives, les vertus actives et pratiques, et en général les biens terrestres. Un certain pragmatisme anglo-saxon n'est qu'une philosophie de parvenus. Incapable de s'élever au-dessus des préoccupations utilitaires, si le pragmatisme s'efforce quelquefois de voler, c'est à la manière de l'autruche en gardant toujours un pied en terre».

Aliás, já ha pouco menos de um século, ao espírito arguto de Chateaubriand não passára despercebido esse idealismo burguez de uma civilização que se fundára sobre o terreno falso de principios heterogeneos e ficticios.

«L'esprit mercantile, diz o auctor illustre do «Genio do Christianismo», commence à les envahir; l'intérêt devient chez eux le vice national...

... De plus, il est difficile de créer une *patric* parmi des E'tats qui n'ont aucune communauté de religion et d'intérêts, qui, sortis de diverses sources en des temps divers, vivent sur un sol différent et sous un différent soleil... L'esprit de famille existe peu; aussitôt que l'enfant est en état de travailler, il faut, comme l'oiseau emplumé, qu'il vole de ses propres ailes... Un egoïsme froid et dur règne dans les villes; piastres et dollars, billets de banque est argent, hausse et baisse des fonds, c'est l'entretien; on se croirait à la bourse ou au comptoir d'une immense boutique».

Desviando a actividade ardente e meridional dos nossos jovens para os exercicios desordenados e excessivos dos desportos, para a luxuria dos prazeres mundanos, o americanismo yankee enfraqueceu-lhes a vontade, embruteceu-lhes as maneiras, tirou-lhes todo o idealismo, toda a confiança no futuro da patria, reduziu-os, emfim, a uma desconsoladora massa inerte, para quem o problema sexual, na sua feição mais impura, sobrepua a dos mais sagrados deveres para com a familia e a sociedade.

Até mesmo o nosso romantismo, esse romantismo

abençoado, que tanto concorreu para a emancipação intellectual e politica de nosso povo, soffreu um tremendo golpe com a invasão, no dominio das idéas, do delirio pragmatista da patria de Lincoln e de Washington.

Golpe tremendo, sim, pois a verdade exige que se diga, que, si na França, pelo menos no sentido em que o considera Pierre Lasserre, Maurras, Seillièrre, foi o romantismo um dos grandes factores de dissolução dos costumes sociaes e politicos, no Brazil e em Portugal, pelo contrario, foram poderosos elementos de disciplina e de defesa da nacionalidade.

«O romantismo com Alencar, diz Jackson de Figueiredo, teve qualidades proprias nacionaes, de todo favoraveis á nossa autonomia intellectual e é por isto que é erro considerar a funcção do romantismo entre nós tão prejudicial quanto o foi nas lettras europeas, que, de facto, delle soffreram o embate, como de espirito revolucionario contra as suas mais nobres tradições».

Quanto á benefica influencia do romantismo portuguez, assim se expressa Antonio Sardinha: «No seu regresso ás velhas instituições concelhias e á hereditariiedade emotiva da raça, o nosso Romantismo, através da figura de Garret e de Herculano, não é, de modo nenhum, a desorganisação do sentimento, que, — na phrase incisiva de Pierre Lasserre —, classifica e define o romantismo francez. Debruçado na doçura ingénua dos *Cancioneiros* e com expressão litteraria em novellas como a de Bernardin, Portugal não deve ás normas classicas o prestigio e o vigor que no seculo XVII levaram a França á universalidade gloriosa do seu espirito».

HAMILTON NOGUEIRA.

O «LAICISMO» NA REVOLUÇÃO FRANCESA

Si as eleições de 1876, em França, fazendo triumphar o partido de Gambetta marcam a victoria definitiva do LAICISMO, precisamos não esquecer que elle teve longa e sanguinolenta preparação na famosa Revolução Francesa.

Vale a pena, por isso, lançar um olhar retrospectivo sobre esse tremendo movimento que convulsionou, podemos dizer, todo o continente europeu e a que coube o singular destino de modificar a mentalidade universal.

E' sabido que os principios pelos quaes se batiam os revolucionarios de 1789 se consubstanciavam nesses tres dogmas da philosophia de Rousseau: a perfeição original, a igualdade providencial e o direito de revolta.

Todos tres, como é evidente, feriam profundamente a doutrina da Igreja e os principios organicos do Estado. Consequentemente para que elles vencessem, mister seria a aniquilação desses dous poderes.

O Estado tentou a absurda empresa de conciliação com as novas idéas, abdicando o Rei de uma grande parte das suas prerogativas com o permittir a constituição de um novo poder, porventura mais forte do que o throno, as Côrtes Geraes, germen da Assembléa Nacional, ventre materno da Revolução.

O principio de autoridade pois, no dominio civil, posto em cheque, terminou se arruinando na catastrophe do regicidio.

Nada mais logico, portanto, que sob os destroços da sociedade alluida, se levantasse o imperio da tyrannia; nada mais logico do que o «Terror».

Mas si era possivel, ao Estado, entrar na via das concessões e se conformar com o repudio de direitos os mais sagrados, o mesmo não acontecia á Igreja. Ella não é obra do homem. Nem pela sua origem, nem pela sua natureza, nem pelos seus poderes nem ainda pelas suas numerosas relações seja com o Estado ou seja com as sciencias, é ella susceptivel de reformas ou de modificações na sua estructura, nas suas linhas fundamentaes. «Sociedade sobrenatural, perfeita, independente, visivel, discernivel pelas notas que lhe são inherentes», segundo Poulpiquet, ella é uma instituição divina.

Sendo pois uma instituição divina, cabe aos seus guias, aos seus chefes a preservação da sua doutrina, dos seus principios directores, mantendo nesse terreno uma intransigencia tão firme, decisiva e tenaz que não ceda nem diante dos potentados, nem mesmo diante da populaça enfurecida, nem ainda diante do odio mais inclemente e das perseguições mais obstinadas e atrozes.

Assim, pois, a Revolução Francesa tendo derrotado o poder civil, Realesa e Parlamento, logo nas primeiras escaramuças, e tendo encontrado já sensivelmente enfraquecidas as corporações operarias só tinha diante de si, de pé, serena, destemida e sobranceira a Esposa de Jesus Christo.

Quem observa, mesmo soffrivelmente, a historia da Revolução Francesa, com facilidade verifica que a historia religiosa empolga, domina o campo, é quasi toda a historia da Revolução.

Em rigor, portanto, poder-se-ia dizer que as luctas de que foi scenario a França no ultimo quartel do

seculo XVIII, foram mais de natureza religiosa do que de ordem politica.

Ademais, sendo ellas concertadas nos antros das sociedades secretas, nos conventiculos da Maçonaria, não ha motivo para estranhar que significassem, principalmente, uma guerra porfiada e inclemente á Igreja Catholica.

Os apologistas da Revolução, apóstolos da Democracia, dão como causa disso o predominio da Igreja no mecanismo politico do Estado.

Mas essa allegação é inapta ou hypocrita, porque foi desmentida pelos proprios factos, porquanto, ao cahir a Realesa, já estava morta a influencia politica do Clero nos destinos da Nação Francesa. E todavia a obra de hostilidade, de oppressão, de espoliação e tyrannia contra a Igreja proseguiu sempre mais intensa e cruel, incessante e obstinada.

Fernand Murret, na sua grande «*Histoire Générale de l'Eglise*», traça magistralmente o quadro dessas luctas e caracteriza precisamente as suas tres phases: a espoliação dos bens e dos direitos do Clero pela Assembléa Constituinte, a perseguição da Assembléa Legislativa e da Convenção, na pessoa dos ministros e fieis catholicos, e, por fim, as tentativas do Directorio para supplantal-a com o seu culto a Religião Catholica.

Allegou-se pela bocca de Le Capellier que, embora decahido politicamente, não seria difficil ao Clero reconquistar os antigos privilegios si continuasse na posse de seus bens. A 2 de Novembro de 1789 a Assembléa decretava que «*todos os bens ecclesiasticos estavam á disposição da nação*».

A interpretação dada a esse decreto foi a de que elles passavam a ser propriedade do Estado, conforme ardentemente Mirabeau pleiteara.

Sabe-se o que d'ahi resultou: o confisco geral dos bens ecclesiasticos ordenado pelo governo revolucionario, uma grande parte dos quaes foi incorporada ao patrimonio particular dos maganatas da situação, outra parte vendida por preços irrisorios. Conclusão: esse esbulho em nada aproveitou á situação de penuria do Thezouro francez.

Sem força politica e empobrecida, a Igreja de França, parecia que ao menos lhe seria permittido viver em paz.

A 13 de Fevereiro, porem, de 1790 e a 12 de Julho, a Assembléa Constituinte lhe desfecha dois novos golpes mortaes com os decretos que prohibiam os votos religiosos e que instituiam a famosa Constituição Civil do Clero.

Os mais vehementos protestos foram erguidos no seio da propria Assembléa contra o seu acto despotico que visava a ruina da vida monastica em França. A' Constituição Civil do Clero, porem, estava reservado o destino de servir de pedra de toque do espirito sacerdotal do Clero francez, da sua capacidade de heroismo e soffrimento.

Effectivamente elle reagiu com uma alta dignidade á ignominia dessa carta de servidão, fazendo honra aos confessores e martyres dos primeiros seculos do christianismo.

Não ha tintas bastantes nem engenho, nem imaginação creadora capaz de reproduzir ao vivo o quadro sensacional daquella celebre sessão da Assembléa Constituinte em que o Clero era intimado a prestar o juramento sacrilego da famosa Constituição.

A população, enfurecida, ameaçava em altos brados os que se recusassem a esse acto de infame submissão. Por fim, obtido silencio, o Presidente começa a chamada

nominal do Clero. Pronuncia primeiro o nome de Monsenhor de Bonnac, Bispo d'Ageu.

Grave, solemne sem affectação, o virtuoso Prelado sobe á tribuna e, no meio do mais profundo silencio declara: «Senhores, custa-me pouco fazer os sacrificios da fortuna, ha porem um que jamais poderia fazer: o da vossa estima e da minha fé; e estou certo de que perderia uma e outra si prestasse o juramento que agora se exige de mim». Recusa-se.

O Presidente prosegue a chamada: Padre Fournet!
Recusa-se.

Padre Leclerc!

Recusa-se.

Ha signaes de inquietação na Assembléa. E o Bispo de Poitiers, Monsenhor de Saint-Hulaire, diz Rohrbacher, «temendo perder uma tão bella occasião de testemunhar sua fé, sobe á tribuna, apezar da sua avançada idade exclama: «Senhores tenho setenta annos dos quaés trinta e tres consagrados ao episcopado. Não ultrajarei meus cabellos brancos com o juramento que de mim exigem os vossos decretos. Não jurarei».

Os sacerdotes presentes, mais de trezentos, erguem-se e applaudem calorosamente. A sessão é suspensa. A populaça renova, aos gritos, as ameaças. A sessão é reaberta e o Presidente, para apressar a solemnidade ordena:

«Os Sacerdotes que ainda não prestaram o juramento, levantem-se e avancem até a mesa para prestal-o».

Ninguem se levanta!

«Honra ao Clero de França! exclama o grande historiador. Não ha nada mais bello na historia da Igreja!»

Desse dia em diante começaram os mais implacaveis perseguições. Encheram-se de Padres e fieis, os carceres do Estado. Tal foi o numero desses prisioneiros que se tornou necessario fundar novas prisões.

Milhares de ministros de Christo ahi pereceram de

fome, de máos tratos, atormentados, massacrados, martyrisados. Muitos milhares emigraram para as nações visinhas ou para paizes inhospitos, sendo sem numero os que receberam no cadafalso o premio da sua fidelidade á Fé do Salvador.

Não se pode imaginar o que foi essa perseguição junto da qual parecem cousa insignificante os apregoados horrores de Saint Berthelemy ou da Inquisição Hespanhola!

Debidour, aliás unsuspeito de catholicismo, confessa em sua «Histoire des rapports de l'Eglise et de l'E'tat» que a «Constituição Civil do Clero, foi o erro capital da Revolução». De igual modo ajuisaram Dareste, De Pressensé, De la Gorce, S. Gruget e tantos outros.

Sem ella, ha forte presumpção entre os historiadores, de que não tivesse havido o «Terror».

E porque, afinal de contas, a Assembléa decretou esse revoltante attentado contra a consciencia catholica, porque essa perseguição cruel, obstinada contra a Igreja?

E' sabido que o Clero francez si não cooperou, pelo menos não embaraçou o advento da Revolução.

Elle proprio soffria da ansia das reformas, sendo que, não poucos Padres se deixaram seduzir pela ideologia dos revolucionarios. Não negou o Clero o seu concurso á Assembléa Nacional, como não negara ás Côrtes Geraes. Victoriosa a Revolução expontaneamente abdicou de privilegios seculares e se offereceu, generosamente, para minorar com as suas posses as necessidades do Estado. Conformou-se com as preterições soffridas no campo politico.

E porque, apesar dessas provas de sympathia e tolerancia, a maré de odio, contra elle, contra as suas instituições, contra a Igreja crescia cada vez mais?

Faz notar, impressionantemente, A. Sorel, que «uma das paixões mais obsedantes dos Constituintes, era a paixão ante-religiosa». O movimento de intolerancia não poupou nem o calendario e chegou ao cumulo de insti-

tuir num templo catholico, a igreja de Notre Dame, o culto sacrilego de uma deusa moderna — Razão!

A moral leiga passou a ser proclamada por todas as canoras tubas que estavam ao serviço da Revolução, sendo consagrada pelo Instituto de França, no seu famoso concurso sobre «os meios de fundar a moral de um povo».

Em summa, o sacrificio do Rei teria sido certamente evitado si houvesse assentido em sancionar o decreto da Assembléa que mandava perseguir o Clero.

Dumouriez tentou demovel-o desta resolução:

«*Cette obstination ne vous servira à rien*, dizia elle a Luiz XVI; *vous vous perdrez*».

O Rei responde simplesmente:

«*Ne m'en parlez plus; mon parti est pris*».

Dumouriez, de mãos postas, supplica ainda uma vez.

Luiz XVI insiste na sua resolução e acrescenta: «*Je m'attends à la mort et je la leur pardonne d'avance. Je vous sais gré de votre sensibilité. Adieux! Soyez, hereux*».

A Constituição Civil do Clero, imposta pela Assembléa revolucionaria, era uma verdadeira monstruosidade. Ella avocava para o poder civil o direito de definir e de legislar em materia de doutrina catholica e de jurisdição apostolica.

Seguindo os preceitos gallicanos, ella tornava a Igreja independente do Papa submettendo-a, no entanto, ao jugo do Estado.

Della poude dizer Rohrbacher, com muita propriedade, que era «uma constituição ecclesiastica imposta ao Clero de França pela autoridade civil».

A sua feição schismatica, como se sabe, fôra denunciada pelo proprio Papa a Luiz XVI a quem affirmou em carta que teve publicidade, que si elle approvasse tal Constituição «atiraria a nação inteira no erro e o reino no schisma».

Marion descobre, porem, nella, o vicio da laicidade.

Seu objectivo principal era, na expressão de Mourret, constituir na França uma Igreja nacional. Deste modo os principaes dispositivos tinham por objecto regular as relações desta Igreja fôsse com o Papa, fosse com a autoridade civil, fosse com o povo. A eleição dos Bispos era entregue ao suffragio popular, abolindo a interferencia do Papa e excluindo a sua autoridade, mas, em compensação, enfeudando-a ao poder civil.

Certamente uma tal Igreja não podia ser mais catholica pois que tinha perdido os caracteristicos essenciaes da catholicidade. «A palavra catholico, define Monsenhor Batiffol, designa a concepção segundo a qual o christianismo não é visto, apenas como uma doutrina de salvação individual e assegurado pela obra interior do Espirito, porem comprehendido como uma sociedade visivel e organisada».

E desenvolvendo esta definição accrescenta: «Ser membro da Igreja é partilhar sua fé, perseverar na *societas sacramentarum*, se submeter á sua hierarchia».

E contra isso, precisamente, se insurgia a famosa Constituição subtrahindo a Igreja de França á influencia e autoridade do chefe da Igreja universal, o que, além do mais, baixava a sua categoria ao nivel de um simples agrupamento local ou regional, a um mero partido religioso.

Já fizemos notar que o LAICISMO é justamente isto: um partido, ou, si preferirmos, uma «contra-Igreja», na incisiva expressão de Marion. Com o seu espirito seja de systematica opposição á Religião Catholica no dominio social como no dominio das consciencias, a Constituição Civil do Clero, sahida da Assembléa Revolucionaria, guardava com o LAICISMO a mais perfeita identidade. Era a sua manifestação de ordem pratica mais apreciavel, em grande vulto, porventura mais danosa porem igualmente a mais sincera.

Dois terços do Clero de França a repelliu. Com o terço restante foi organisada a Igreja Constitucional

cuja vida foi precaria, conturbada por frequentes dissenções, desmoralizada por varios incidentes escandalosos, tendo afinal recebido do Directorio, ou antes, de Napoleão I, o tiro de misericordia.

Vemos, portanto, na Revolução Francesa, a primeira tentativa, em larga escala, do LAICISMO, o pernicioso germen que havia de brotar nas eleições de 1876, os principios directores do partido politico que subiu ao poder, em França, na III Republica e de cujos principios ainda hoje se nutre a velha mentalidade dos politicos da gloriosa nação latina.

PERILLO GOMES.

PÓDE, DEVE O HOMEM CULTO E INTELLECTUAL CHEGAR A SER UM CRENTE?

«*Rationabile obsequium vestrum*».

(*S. Paulo ad Rom. XII, 1*).

II

PROPRIEDADES DO ACTO DE FÉ SOBRENATURAL

Da noção do acto de fé sobrenatural até aqui definida e declarada se deduzem as suas propriedades n'elle contidas, — signal evidente de que foi bem definido.

1. — Compreende-se primeiramente que — *o acto de fé é uma affirmacção intellectual — e não um affecto da vontade, não um sentimento do coração.*

Não é affirmacção subjectiva, que designe apenas um estado d'alma ou do composto. É affirmacção objectiva que diz ser -- real e objectivamente verdadeiro o que Deus disse; por exemplo: «existe de facto e realmente a bemaventurança plena para os que observarem a lei divina, — existe effectivamente, é real e objectiva a existencia da pena eterna para os que violarem gravemente essa lei. Não é um sonho, não simplesmente um meu modo de pensar, uma idéa minha, uma apprehensão, uma esperança vaga ou um vago terror. É deveras,

é assim mesmo como n'este momento é dia ou noite. Quem não admittir *d'este modo*, póde compôr o rosto e os labios em attitude devota, — *não crê a Deus* como deve, *nega a palavra de Deus* e a ira de Deus pesa sobre elle.

2. — O acto de fé é differente do *juizo que o precede* e com o qual affirmamos o *facto da revelação* e os signaes que a tornam admissivel (*juizo da credibilidade da revelação*), é diverso do juizo que formamos sobre a *obrigação* de crer no que foi revelado (*juizo da credendidade da revelação*).

Um e outro juizo fôram antes *objecto* e depois *termo de um estudo*, de uma indagação, de uma pesquisa acerca de acontecimentos historicos, acerca de argumentos accessiveis e philosophicamente discutidos e conhecidos pela razão humana; fôram objecto de historia e de sciencia imparcial e seriamente estudadas, — chegaram esses juizos a ser *conclusão, noticia natural e scientificamente adquirida com certeza*.

Esses juizos, pois, (de *credibilidade* e de *credendidade*) *não se apoiam na palavra de Deus, não têm*, portanto, maior certeza do que a *das provas adduzidas e a da força e esforço estudioso NATURAL* da intelligencia humana.

Por conseguinte são *juizos previos* ao acto de fé; são *disposição* que necessariamente *se deve presuppôr* ao mesmo acto de fé, são *preambulos da fé*. Para se poder, mais tarde, *crêr á palavra de Deus*, — *é mister saber antes* (o homem *culto e intellectual* pelo estudo proprio, *a creança* pela auctoridade materna e de seus mestres religiosos, o homem simples pelo magisterio sacerdotal de seu parochio) — *é mister saber antes, ter certeza do facto — que Deus revelou — e que estou obrigado a crer a Deus, para depois poder, de modo racional crêr na sua palavra*.

D'ahi se segue que: — *o acto de fé não se deve proporcionar* (no seu gráu de certeza) ao gráu de cer-

teza dos juizos que o precedem. *Assim seria se o acto de fé fosse a conclusão d'esses juizos, se crêr fosse como o consequente de um syllogismo assim formulado:*

(Maior) O que Deus diz é infallivelmente verdadeiro, — (proposição natural e philosophicamente verdadeira e evidente á razão natural; Deus é infinitamente sabio e infinitamente sancto — logo nem se póde enganar, nem póde mentir enganando outrem).

(Menor) Mas eu sei (historica e philosophicamente) que Deus affirmou, p. ex. a concepção virginal de Jesus Christo, (convenci-me d'isto estudando toda a manifestação christã, é fructo de meus estudos e trabalhos biblicos).

(Conclusão) Logo é infallivelmente verdadeira a concepção virginal de Christo que, portanto (por este meu syllogismo), eu admitto com certeza. Creio pois, tenho por certa a concepção virginal de Jesus Christo.

Sou, por isto, *um crente, fiz um acto de fé sobrenatural?* — NÃO. Este *assentimento*, como conclusão de um syllogismo assim formulado, não é nem póde ser *mais certo do que as premissas* emquanto são conhecidas pela razão natural e *não se apoia exclusivamente na infinita Verdade só, mas se apoia na luz da minha intelligencia a qual VE a verdade da proposição maior: O dicto de Deus é infallivel;* depois, *certifica-se historicamente* da proposição menor: a concepção de Jesus Christo foi virginal, contida no *dicto por Deus*. Logo, — *é um acto natural e humano e não um acto de fé sobrenatural, não é um acto de pura fé, de puro crer a Deus com a infallibilidade que corresponde a Elle — e que não admite possibilidade de duvida. Aquella conclusão é acto scientifico, não acto de fé. CRER SOBRENATURALMENTE NÃO É NEM PÓDE SER A CONCLUSÃO DE UM SYLLOGISMO, por mil razões e entre ellas a de ser uma conclusão de um syllogismo coisa natural, ao alcance da pura razão e dotada de evidencia intrin-*

seca mediata, qualidades que não se coadunam com o acto de fé sobrenatural.

Ao acto de fé sobrenatural chegaremos assim:

Supposto que eu saiba (por auctoridade de outrem ou por meus estudos, com meus esforços e meu talento) que Deus fallou e que Elle quer que eu admitta a sua palavra, eu, para adherir a ella e com ella dirigir-me para alcançar o meu fim supremo que é a vida eterna, não fico no precedente syllogismo ⁽¹⁾, não me contento de admittir a palavra de Deus por um motivo natural, humano, scientifico, por uma convicção adquirida pela força da minha razão e a ella proporcional, — mas VOU ALÉM E ME ELEVO ACIMA D'AQUELLE RACIOCINIO, dizendo:

Creio a concepção virginal de Jesus Christo — porque Deus assim o disse, creio e dou o meu assentimento intellectual na maneira com que se deve crer a Deus. Creio sem admittir possibilidade de erro contrario, não limito o meu assentimento á medida do estudo que fiz para me certificar de que Deus revelou e de que ha para mim obrigação de crer a Elle nas coisas que disse; supponho esse estudo, mas NÃO ME FUNDO N'ELLE COMO EM MOTIVO, — antes excluo toda a duvida e NÃO ADMITTO MAIS DISCUSSÃO de argumentos contrarios, QUANTO A MIM; para mim é verdade fóra de discussão PELA CERTEZA QUE TENHO, só admitindo a discussão para convencer e auxiliar a outros para que cheguem até onde eu cheguei, — mas absolutamente não para me certificar, porque não ha certeza maior do que a que se tem quando o unico motivo de adherir é a Verdade de Deus que é O MESMO DEUS.

Absoluta e simplesmente adhiro á Verdade divina e pela mesma Verdade divina digo que Jesus Christo foi virginalmente concebido no seio purissimo de Maria

(1) Aliás valido e legitimo para ter certeza natural, embóra alguém de balde o julgue sophistico.

Virgem por obra do Espirito Santo, tal qual foi dicto por Deus e só por ser dicto por Deus. Se todos os criticos da terra viessem dizer-me que este facto não está acertado, se todos os philosophos quizessem provar que não é possivel, — *eu crente sincero* não attenderia nem me deixaria commover absolutamente, nem com uns nem com outros, — *continuaría a estar certo, infallivelmente certo e seguro* d'aquella verdade, responderia a todos: «*Scio cui credidi, certus sum...* Sei a quem creio e estou certo! (S. Paulo, II ad Tim. I, 12).

Assim é que no acto de fé não se tomam como duas verdades successivas, das quaes uma se segue da outra, a revelação e a enunciação particular. Toma-se a enunciação particular (a concepção virginal) sob a luz da revelação (como dicta por Deus). Mais em concreto: admitto a concepção prodigiosa como *objecto material* (é a materia do acto de fé, n'este caso), — a palayra de Deus como *objecto formal*, como *unico motivo* de affirmar aquelle prodigio.

Este *objecto formal da fé sobrenatural*, este motivo é *unico, invariavel, é sempre o mesmo, o mesmissimo*, a materia póde ser diversissima. O *motivo formal é Deus revelante, Elle mesmo*, a materia póde ser cousa diversissima de Deus; p. ex. a existencia de Poncio Pilatos, a falta deinhos nas bodas de Caná, o facto do cão de Jobras acompanhá-lo na sua partida (Job. VI, 1), o da Samaritana tirar agua do poço ou fonte de Jacob na cidade de Sichar, o de Jesus ahi se encontrar com ella, chegado até lá cansado da viagem, etc. — Ao lado d'estes *objectos materiaes da fé sobrenatural*, ao lado d'esta materia do meu *Credo*, revelada por Deus, cousas todas que creio *porque são palavras de Deus*, — *com a mesma fé, pelo unico motivo formal, como o mesmo objecto formal*, eu creio a *Trindade divina, a Incarnação, a Resurreição, a Ascensão, a vinda do Espirito Santo, a Eucharistia, os sacramentos todos, o S. Sacrificio da Missa, a divindade de Jesus Christo, a divina fundação*

da Igreja, a sua indefectibilidade até o fim do mundo, a sua infallibilidade e mil outras verdades de fé, *materialmente diversas* e muito *superiores* ás primeiras, mas *perfeitamente eguaes* quanto á fé com que creio, quanto ao motivo formal. Tenho tanta certeza das segundas como das primeiras, é uma certeza só a do acto de fé sobrenatural, seja qual fôr a materia que creio.

Tal, pois, é o acto de fé sobrenatural: 1) *diversissimo* do juizo previo de credibilidade e credendidade na certeza; tanto que 2) *não se proporciona* a sua certeza a esses juizos, *nem se mede* pela certeza d'elles, nem pelo trabalho e resultado intellectual que elles custaram e que a elles nos levou.

Certo deve ser o juizo de credibilidade e o de credendidade; *certo* tambem é o acto de fé, mas em modo diverso: o juizo de credibilidade e credendidade devem ser certos de *certeza natural*; o acto de fé deve ser certo de *certeza superior á natureza*, deve ser *certo de certeza sobrenatural*.

O juizo de credibilidade deve ser certo, porque *imprudently* eu creia se duvidasse do *facto* que Deus fallou e revelou. Seria até *irreverencia* para com a Verdade infinita se eu tomasse como dicto por Deus o que elle não disse e que portanto *poderia ser falso*. N'esse caso seria impossivel *adherir firmemente* á affirmacão que eu soubesse incluir erro; de mim então seria exigido um *assentimento imprudente* e até *impossivel* porque contrario á natureza da intelligencia; e que, em vez de me levar a Deus, d'Elle me affastaria que é Justiça e Verdade infinita e absoluta.

Assim, longe de Deus vão os que dizem *crer só por sentimento*, ou por um *cego movimento de vontade*, sem terem, *para crer, uma razão objectiva e certa*. N'este numero estão os modernistas, Kant e seus sequazes na *Crítica da razão pratica*.

O juizo de credendidade que nos enuncia o *dever crer* (*credendum est*), a obrigação de crer porque sabe-

mos que Deus fallou, — *objectivamente é certissimo e em si mesmo*, a ponto de forçar ao assentimento toda e qualquer intelligencia, de qualquer intellectual *que conhecer plenamente a realidade dos factos*, e de todo o crente que tiver certeza e clareza que *baste para excluir a duvida prudente*.

Nem é licito dizer que elle possa ter sómente *grande probabilidade*, nem que se apoie sobre um *cumulo de probabilidades*. Isso *não bastaria para de todo socegar a mente*, nem a poderia *dispôr* para a *plena adhesão* que deverá depois importar o acto de fé. Não basta probabilidade, — antes e tão certo *o facto da revelação* que, — elle mesmo — será *depois* objecto de fé que Deveremos crer.

Mas no ponto em que agora estamos e sob o aspecto em que o estamos tomando, consideramol-o *ainda como conhecido previamente*, e, em relação ao acto de fé, *como preparação* que necessariamente precede o acto de adherir plenamente á palavra de Deus.

Sob este aspecto, em que o tomamos agora, este *juizo de credibilidade é termo de estudo humano*, é conclusão certa de indagação e pesquisa historica e philosophica, *é evidente* nos principios da razão humana e nos factos dispostos pela Providencia para nos manifestar a ordem sobrenatural. Por conseguinte, — a certeza do juizo de credibilidade é *ainda certeza natural*, embora tenhamos de reconhecer que mesmo para chegar a esse conhecimento natural, precisamos do auxilio de Deus e da sua graça (graça não sobrenatural) e ainda que esse juizo não exceda a proporção e a força da mesma intelligencia humana. D'este mesmo modo precisamos e pedimos o auxilio de Deus para que nos ajude com sua graça a effectuar um bom negocio, mesmo de ordem *natural*, p. ex. uma compra, uma venda importante, uma longa viagem, um exame difficil, uma operação delicada e melindrosa.

E que seja *natural a certeza*, é verdade mesmo

quando alguém chegasse a ter do facto da revelação *uma irresistível evidencia; a fortiori* é verdade se chegasse a ter apenas a *certeza communissima* á qual se chega de ordinario e que, todavia, *basta para dirigir as acções humanas*, basta para *induzir obrigação moral*, como p. ex. a certeza que temos de fazer um discurso para o qual fomos destinados e a certeza que temos de receber o ordenado no fim do mez, — *bastam* para induzir a obrigação moral de prepararmos o discurso e não assumirmos outra incumbencia na hora em que o devemos pronunciar, e de nos obrigarmos a pagar no fim do mez, recebido o honorario, a divida que temos com os fornecedores.

Mas o *acto de fé* exige e tem uma *certeza superior* porque *se eleva a uma ordem divina* e simplesmente adhire á verdade revelada como ella está contida na *absoluta infallibilidade da propria palavra de Deus*, — palavra a que immediatamente se apoia, isto é *á Verdade Primeira* e por ella e n'ella acceita o dogma determinadamente crido, n'esta ou n'aquella materia. *Não attende mais* a quanto valha a força dos argumentos *que teve* para determinar-se a *crer, antes de crer*; — não mede, pois, por elles a actual firmeza de adhesão do acto de fé; *não cuida*, em comparação do motivo formal com que agora adhire, *tudo quanto em contrario* lhe poderia dizer a intelligencia humana.

Como a *Caridade* adhire á *Bondade infinita super omnia*, não estimando deante d'ella os bens creados, preferindo-a a todos, — assim a Fé adhire á *Verdade infinita super omnia*, não admittindo razão alguma que se Lhe opponha, preferindo-a a todas.

Ao juizo certo de que *Deus fallou* chega a intelligencia ou póde chegar *por si mesma*. A *vontade* teve sua parte *dirigindo e movendo* o homem culto ao *estudo* e á *apreciação sincera* dos varios argumentos, *repellindo* todo o affecto desordenado, como seriam a preguiça, a teima e obstinação na propria opinião, os preconceitos

infundados, o respeito humano, a vergonha da retraction dos erros, o odio gratuito á religião, o temor de supportar-se a Egreja e as leis contrarias ás paixões e aos máus habitos contrahidos, etc. etc. etc.

Mas esta parte da vontade é accidental. Por si mesmo o raciocinio e a pesquisa historica chegam ou pódem chegar *primeiro* a conhecer o *facto da revelação* e *depois* a formar a consciencia da *obrigação de crer* a palavra de Deus, — a palavra de Deus que *se póde* crêr (credibilidade), a palavra de Deus que *se deve* crer (credendidade).

No juizo previo o conhecimento e a certeza de que Deus fallou estão em proporção com o conhecimento e a certeza da verdade da palavra de Deus e objectiva existencia do que elle disse. Portanto, salvo o caso de phantasias e de perturbações excitadas por proposições inesperadas ou mysteriosas, *quem procede logicamente*, se chegou a conhecer ter sido por Deus affirmada, p. ex. a concepção virginal de Jesus Christo, fica *sabendo, conhecendo como certo* ser esta concepção um *facto verdadeiro*. Sabendo, dizemos, não sempre no sentido rigoroso de conhecimento *scientifico, demonstrado*, mas no de conhecimento que se tem com certeza ou por signaes extrinsecos ou por testemunho não susceptivel de erro no caso de que se tracta.

Aqui não entra a vontade. Mas assim não surge a alma a uma certeza mais alta do que a *natural* ao raciocinio e que o lume natural da intelligencia nos póde dar. De tudo isto se segue, pois, que o juizo previo da credibilidade e da credendidade *por si e em these* não é voluntario e LIVRE; não é um *juizo imperado á intelligencia pela vontade*.

3. O ACTO DE FÉ SOBRENATURAL É VOLUNTARIO E LIVRE.

É *intrinsecamente necessaria* a vontade para que o assentimento se eleve ao *modo de assentimento uno e simples* ás verdades reveladas pela palavra de Deus, que

acima descrevemos, fallando do acto de fé sobrenatural: A intelligencia *por si só* não daria maior firmeza ao seu assentimento do que exigem os argumentos e os estudos feitos na historia e na philosophia da revelação. Mesmo suppondo firme o conceito exacto e metaphysico de Deus e de sua infallibilidade (sem o qual nem podemos pensar Deus com verdade), — *o facto da revelação é complexo*, e, não lhe faltando possiveis objecções, não cerra o adito (por irracional e temerario que seja) a diversas *fugas e evasivas*, obscurecendo a verdade e diminuindo a certeza.

Para excluiir tudo isto e *para apanhar a verdade revelada revestida absolutamente da auctoridade da divina palavra*, — *sem misturar o assentimento com a força das razões precedentes que me induziram a querer crer* — É NECESSARIO um impulso que não é da intelligencia — **MAS VEM DA VONTADE.**

Por isso — *o acto de fé é essencialmente vóluntario e livre* (vóluntaria e livremente imperado á intelligencia). É *livre* quando mesmo a revelação fosse evidente, d'aquella evidencia a que a intelligencia *por si só* não póde resistir e contrariar. *Livre* o acto de fé e universalmente livre entre os homens, tambem por outra razão, e é que *a bôa vontade* é moralmente necessaria para *attendere aos verdadeiros motivos de credibilidade*.

Muito facilmente as paixões, o respeito humano, o orgulho e outras sombras nos velam a intelligencia. Levam-nos a tomar em consideração os indicios que parecem contrarios, a ouvir as diversas opiniões, a aceitar como validos ou sophismas dos incredulos, a fugir o trabalho de um estudo mais acurado sobre o assumpto. A liberdade imperfeita do homem viador e ainda não comprehensor infelizmente o deixa livre de buscar ou não a verdade, de acolher ou repellir o erro. Mesmo quando a verdade começa a se nos manifestar, a nos apparecer, temos ainda a liberdade de a fitarmos com o nosso olhar intellectivo ou de o dirigirmos para outro

objecto e deixar de lado a consideração da verdade. Somos finalmente livres em consentir com sincera adhesão á verdade conhecida, — podemos livremente *resistir* se não *negando*, pelo menos *suspendendo o nosso assentimento*. Tudo isto praticamente acontece, sem chegarmos ao absurdo redundante de contradicção — que — dada a hypothese ou admittido o facto da revelação de Deus (*in sensu composito*), alguém seja livre ainda de dizer *que não*, de *negar* o que sabe com certeza ter sido dicto por Deus. Se sabe que Deus disse, sabe que é verdade.

Póde, porém, obstinar-se a vontade má, póde inclinar a pessoa a persuadir-se, a procurar motivos para convencer-se — *de que Deus não fallou*, — ou *recusar*, pelo menos, *aquelle assentimento superior e melhor*, não natural, *aquelle assentimento á Verdade em si mesma*, pelo só motivo da divina palavra, no modo em que *só Deus é digno de tal assentimento*, deixando de lado, *não attendendo mais* ás provas que já tinha adquirido pelo esforço proprio do proprio estudo.

Assim em breves traços temos as *propriedades principaes do acto de fé* sobrenatural, que deve ser:

Certissimo: de certeza superior ás razões humanas todas.

Obscuro: emquanto, por elle não adherimos á verdade pelo lume, pela evidencia que n'ella resplende, mas pelo *motivo extrinseco* (a auctoridade) que não penetra o objecto, não o illumina, e é A DIVINA AFFIRMAÇÃO. Não temos a *evidencia intrinseca da verdade* a qual continúa a permanecer obscura, que não se vê e só se *crê*, — mas temos a *maior evidencia extrinseca*, a *maior firmeza em crer pela evidencia da maior*, da *mais infallivel*, da *infinita auctoridade de Deus*.

Livre: emquanto — *praticamente* podemos, *embora contra a consciencia*, podemos negar que Deus fallou, e

theoricamente, mesmo admittindo que Deus fallou, — podemos nos deter, concluindo talvez com despeito, que a coisa dicta por Deus é verdadeira, vemol-o com a força da nossa intelligencia e os esforços de nosso estudo, mas — *não vamos além, não nos elevamos* a um assentimento superior, *não queremos adherir com um acto mais pleno que depende da nossa vontade* (e o auxilio da graça), **NÃO QUEREMOS FAZER UM ACTO DE FÉ SOBRENATURAL**, e mesmo que Deus nos dê a sua graça — nós a repellimos — **E NÃO O FAZEMOS.**

(Continúa).

PE. J. M. MADURÉIRA S. J.

DA INTERPRETAÇÃO DOS FACTOS HISTORICOS

(Continuação)

O primeiro facto social, como muito bem diz um philosopho moderno, que chama a attenção do observador menos perspicaz é a tendencia da sociedade humana para a unidade.

Ha 50 annos o maior publicista deste seculo proclamava eloquentemente esta tendencia.

Depois que De Maistre proclamou esta tendencia, adquiriu uma intensidade incomparavelmente maior, e agora revela-se por signaes de tal modo evidentes, que não ha difficuldade em demonstral-a.

Resulta ao mesmo tempo dos progressos das sciencias, da luta dos interesses, dos calculos da politica, e dos esforços de seus proprios inimigos.

Resulta dos progressos das sciencias. Cada um destes progressos derriba alguma das barreiras que conservam os homens separados. O tempo e o espaço, estas duas condições de nossa existencia terrestre ás quaes até aqui as almas, apesar de sua natureza espirital, deviam submetter-se em seu mutuo commercio, tendem a desaparecer de mais a mais diante da electricidade e do vapor. O pensamento tomou ao raio um

vehículo mil vezes mais rapido que a palavra, que lhe permite fazer em alguns instantes a volta do globo. O vapor visita todas as plagas, sulca todos os continentes, captiva os mares os mais indodeis, e faz da terra inteira um só mercado, onde os homens de todas as linguas confundem-se continuamente para trocar suas ideias e seus productos.

Quem não vê todas as vantagens que a verdade póde tirar destes meios novos de propaganda que a industria lhe fornece? Fóco inexgotavel de luz e de calor, o divino sol só pede um meio capaz de transmittir seus raios. Todas as invenções que tornam sua irradiação mais facil, tornam sua victoria mais certa.

Esta tendencia resulta, em segundo lugar, da luta dos interesses. A facilidade prodigiosa das communições, alargando cada dia a esphera do commercio, obriga-o a augmentar cada dia tambem suas especulações. O commercio tornou-se uma carreira sem freio e sem termo, onde ha tudo a perder para aquelle que fica atrazado, e tudo a ganhar para aquelle que consegue adiantar-se dos outros. Os individuos rivalisam com os individuos, os povos com os povos. Ao mesmo tempo que a opposição dos interesses crea entre os Estados uma concurrencia desenfreada de que o mundo inteiro é o theatro, a ligação cada vez mais estreita destes mesmos interesses estabelece entre as nações, até agora as mais estranhas entre si, uma solidariedade que faz sentir nas extremidades do universo o effeito de todas as catastrophes. Dahi estas doutrinas exageradas de paz universal; dahi o empenho dos apóstolos do deus Mammon a pregar a fusão dos povos; dahi estas maximas que o codigo dos interesses tirou do Evangelho, e que não poderá de tal sorte desfigurar, que sua popularisação não possa concorrer um dia para a verdadeira fraternidade.

Os calculos da politica contribuem tambem por sua parte para esta tendencia geral da unidade. O que é,

com effeito, em nossos dias, a politica da maior parte dos Estados, senão a humilde serva dos interesses? Se dirige-os algumas vezes nos detalhes, não é as mais das vezes dirigida por elles no conjuncto? Além disto, a facilidade das communicações não impõe tambem á politica suas exigencias? As colligações não se teem tornado de uma necessidade imperiosa? Um Estado que não quer ser dominado não é obrigado a estar presente, pela influencia de sua marinha, em todas as zonas? A politica do isolamento, que sustentou até hoje as gigantescas monarchias do Oriente não tornou-se uma impossibilidade? E como o isolamento politico poderia cessar, sem que o isolamento doutrinal cesse com elle?

Em ultimo lugar os esforços dos proprios inimigos, nutrindo e augmentando as divisões pela natureza de suas doutrinas, favorecem a tendencia geral para a unidade. Eis que pregam por toda parte a fraternidade, inspiram a seus adeptos mais dedicados uma abnegação que na realidade é o cumulo do orgulho e do egoismo. E quantas pessoas illudidas não correm atraz deste phantasma, evitando por um falso amor de unidade, a unica unidade verdadeira!

Não se pode duvidar portanto, todas as correntes sociaes impellem o genero humano para a unidade; a unidade é a aspiração, a necessidade de nosso seculo. E a unidade real possivel só póde ser obtida pela verdade.

Vendo a tendencia manifesta dos povos para approximar-se, concluimos que a Providencia prepara uma grande união das almas, e da suppressão das distancias que separam os povos deduzimos a suppressão dos erros e das inimizades que separam os homens.

Quem não vê, com effeito, que para preparar o estabelecimento da feliz unidade que deve ligar os espiritos e os corações dos homens em um mesmo sentimento e um mesmo principio, era indispensavel que se estabelecesse a principio no mundo uma grande uni-

dade material? A materia é para os homens o vehiculo do espirito; a verdade e a graça, independentes na sua existencia propria das condições do espaço, são submettidas a estas condições na sua transmissão á sociedade humana; porque a fé, diz o Apostolo, vem pelo ouvido: FIDES EX AUDITU; mas ninguem póde ouvir se ninguem vem pregar-lhe.

Ora, a não ser por um milagre, isto é, por uma rara excepção, o pregador não poderia cumprir sua missão sem que a sociedade a que pertence lhe fornecesse os meios de lançar as pessoas que deve esclarecer. Assegura-se que outr'ora, sobre trez missionarios que partiam da Europa para evangelisar os povos idolatras, dous sómente chegavam ao termo de sua viagem. As novas facilidades adquiridas para a navegação augmentaram pois um terço ao numero dos apóstolos; e quanto não alongaram o tempo de seu apostolado! Á medida que os povos fórmam entre si uma cadeia mais estreita, a faisca divina transmite-se mais irresistivelmente de um a outro; de sorte que julgando approximar-se sómente para os interesses temporaes, trabalham para o triumpho dos interesses eternos.

É assim que, desde o principio Deus fez triumphar a verdade; as grandes revoluções que teem confundido os povos teem sempre tido como resultado approximal-os da luz que não procuravam. Os reis da Babilonia, estendendo seu imperio sobre todo o Oriente e transportando em seguida para seus Estados os filhos de Judá e de Israel, julgavam servir sómente sua ambição; serviam na realidade os desgnios de Deus. Estes captivos eram missionarios para os quaes a conquista tinha preparado um immenso auditorio, e que transportava em seguida sem sabel-o para o theatro de sua missão. O verdadeiro Deus parece vencido com seu povo, e seu culto parece destruido com o templo; mas esperai, e vereis em breve seu propheta encarregado de

governar o imperio vencedor, e vereis os povos unirem-se ao monarcha para adorar o Deus de Daniel.

Mais tarde, quando a Grecia sob a direcção de Alexandre precipitou-se sobre a Persia e fundou a terceira grande monarchia, não pensava tambem fazer a conquista da verdade; e portanto esta grande revolução devia ter como resultado, não só fazer conhecer ao proprio conquistador o verdadeiro Deus, cuja vinda os prophetas tinham annuciado, mas ainda divulgar os livros de Moysés entre os Gregos e fundar as synagogas em todas as cidades principaes.

Ninguem ignora quanto as victorias de Roma contribuíram para o estabelecimento do reino espiritual de Nosso Senhor Jesus Christo. «Deus, diz Bossuet, que tinha resolvido reunir ao mesmo tempo os povos de todas as nações, primeiramente reuniu as terras e os mares sob o mesmo imperio. O commercio de tantos povos diversos, outr'ora estranhos, e depois reunidos sob o dominio romano, foi um dos meios mais poderosos de que a Providencia serviu-se para dar curso ao Evangelho.

É a um resultado semelhante que chegaram estes impulsos mysteriosos que, no quinto seculo, fizeram sahir do fundo do Septentrião innumeraveis enxames de barbaros e os impelliram sobre o imperio romano. Seus proprios chefes confessavam que tinham sido arrastados por uma força irresistivel que não comprehendiam. Mas certamente, o fim que pensavam menos alcançar, era achar no seio deste imperio que iam derribar, o jugo glorioso de Nosso Senhor Jesus-Christo. É portanto para este fim que a mão da Providencia os dirigia, e a Egreja, que a principio julgou vêr nelles seus mais terriveis perseguidores, ficou em breve maravilhada de encontrar nelles seus filhos os mais dedicados e seus defensores os mais intrepidos.

No decimo sexto seculo, a terra treme de novo; um mundo desconhecido descobre-se; os continentes mais

afastados, e os povos mais estranhos entre si dão-se as mãos. Uma vez ainda, a unidade material preparou a unidade moral. Francisco Xavier seguirá de perto Vasco da Gama, e os apóstolos acompanharão por toda a parte os ousados navegadores sobre as plagas mais remotas.

Ainda duvidamos dos designios de Deus? E quando vemos em nossos dias todos os factos concorrem para estreitar de mais a mais a unidade material do genero humano, não comprehendemos que esta unidade só tem por fim preparar os caminhos para uma unidade moral mais estreita ainda?

Sim. todos os signaes do tempo annunciam que o momento approxima-se em que esta unidade, fonte de todos os progressos, fará sua apparição sobre a terra.

A tendencia da sociedade humana para a unidade nos fornece ainda outros motivos de esperanza. Não deve sómente ter por effeito facilitar o estabelecimento do reino de Jesus-Christo; mas é ainda a proclamação antecipada deste reino. Não o esqueçamos, só ha humanidade real por Nosso Senhor Jesus-Christo e por sua Igreja. É, pois, para Nosso Senhor Jesus-Christo e para a Igreja que aspirava já o mundo pagão quando applaudia este verso do poeta: HOMO SUM ET HUMANI NIHIL A ME ALIENUM PUTO.

Com effeito, por pouco que queiramos reflectir sobre isto, reconheceremos que não só a Igreja Catholica é, de facto, o unico principio que mantem a unidade do genero humano, mais ainda que nenhum outro principio póde produzir este resultado e lutar efficazmente contra as influencias adversas. Só, a autoridade da Igreja póde neutralisar a tendencia que tem os espiritos para separar-se cada vez mais á medida que adquirem mais luzes. Só ha para as intelligencias dous generos de unidade possivel: a unidade cega da ignorancia credula, e a unidade esclarecida da fé racional. O progresso das sciencias, das luzes, separado

do progresso da religião, só é o progresso das opiniões e dos dissentimentos. Para refrear estes dissentimentos e conciliar estas opiniões, as autoridades humanas são impotentes. De um lado, esperar que o estado actual do genero humano, uma autoridade religiosa differente da Igreja Catholica chegue a submeter e a reunir as intelligencias, é, aos olhos mesmo da simples razão, esperar o impossivel. Logo, só pela Igreja pôde-se estabelecer a unidade moral inseparavel da unidade intellectual; por ella só, os homens podem saber com certeza que teem uma mesma origem e um mesmo fim; por ella só a humanidade pôde vêr realizar-se a tendencia que sente para reunir todas as suas partes em um só todo, e entrar em uma plena posse de si propria.

Portanto o estado presente do mundo, por mais perturbado que seja, nos fornece entretanto um motivo solido de esperar uma paz duravel e uma geral restauração. A unidade material que tende a estabelecer-se no mundo só pôde ser destinada nas vistas da Providencia, a produzir a unidade intellectual e moral.

MELLO VIEIRA.

ODE Á CRUZ ALTA

(SERRA DE SINTRA)

Delicto majorum immeritus lues,
Romane, donec templa refeceris,
Aedesque labentes deorum et
Foeda nigro simulacra fumo.

HORÁCIO — *Odes*, lib. III — VI.

Hirta, no cimo da montanha austera,
 neste penhasco adusto
 onde vivem a custo
o feto humilde e a delicada hera,
ergues os braços para o céu profundo,
ó Cruz, longe da lama e do mau ar do mundo.

Os furibundos sopros da tormenta
 sacodem (vão insulto!)

teu firme, pétreo vulto;
e tam subida estás, que a névoa lenta
sepulta ás vezes campos e montanhas
mas tu emerges, livre, e em pura luz te banhas.

E quando a chuva fresca o céu depura
e o vivo sol derrama
a sua loura chama
pela planície, — desta grande altura
tu vês a costa, de ordinário turva,
morder, nítida, ao longe, o mar, cerúlea curva.

Os montes que dominas eram dantes
a última vigia
da qual se despedia
do largo o triste olhar dos navegantes,
e aqui piedosos monges se prostavam
orando pelas naus que aos poucos se afastavam.

Esse era o tempo vigoroso e sério
em que tu davas leis
a mendigos e reis,
e em que o teu puro e sacrosanto império
não tinha o peito crente por fronteira,
mas, vasto, se extendia, ó Cruz, á terra inteira!

Os homens te expulsaram, insolentes,
dos mais santos lugares,

Das escolas, dos lares,
onde influias sôbre as tenras mentes;
e agora mal permitem que tu sejas
um símbolo de paz na frente das igrejas.

Mas, ah! se tu pudesses gloriar-te
do mal que ao mundo veio
Depois que o firme esteio
dos teus braços faltou por tôda a parte,
que triste regozijo te daria
Ver a terra mais negra em cada novo dia!

Repara: os homens vis, que 'te insultaram
de cólera convulsos,
extendem hoje os pulsos
Aos nós que os vão profétas lhes preparam,
triste gente! Livrou-se do teu jugo
para inventar depois o seu proprio verdugo!

Vê as as nações! A mais fidalga entre elas,
tam forte e ousada quando
as suas naus em bando
o mar cobriam de enfunadas velas,
lá vai, sem armas, enxugando o pranto
aos farrapos reais do seu antigo manto!...

Ah! que secreto morbo te dessora
ó Patria? — A tua espada
inútil, embotada
desperta o riso das nações agora;
e tu não sabes, desgraçado povo,
pegar-lhe com vigor e dar-lhe um gume novo!

Perdendo a fé em Deus, perdeste a fé
em ti, pois que só é forte
o que não teme a morte
por sentir cá na terra o céu ao pé.
Entregue a cegas fôrças, tu naufragas
como um barco sem leme entre sôfregas vagas.

Os sulcos imortais, que as naus abriram
no dorso dos oceanos
e os peitos mais que humanos
de tantos que nas ondas se sumiram,
quem os recorda, ó povo inerte e lasso,
hoje, que se navega em monstros feitos de aço?

Por uns momentos conseguiste ainda
saír do teu marasmo,

e, semeando pasmo,
uniste, numa curva firme e linda,
pela rota incertíssima do ar,
as pátrias que ligaste outrora pelo mar.

Mas, ai! Atrás da tua aeronave
certeira como dardo
que um archeiro galhardo
Aponte ao alvo e sem desvio crave,
outra seguiu, em vôo mais possante,
começando a ofuscar o teu peito gigante.

Triste, insensata pátria, se té assustas
da tua própria glória,
se o sceptro da vitória
não sabe defender com mãos robustas,
mais valia talvez o não ganhasses
do que vê-lo cair em outras mãos rapaces!

É sempre assim! Consomes, sem medida,
uma energia imensa;
dás uma luz intensa
durante alguns instantes, — e em seguida

vês conservado por rivais atentas
o fogo que acendeste e, exausta, não sustentas.

Portanto, ó Cruz, amparo firme e são
das almas sem amparo,
de quem o mundo ignaro
só se recorda em horas de aflição,
tu que, num monte, em alto coruchéu
ou em simples ermida, apontas sempre o céu,

contempla esta nação, que o mar afaga
e um céu benigno cobre,
a gente, outrora nobre,
que hoje, arrastando os magros pés em chaga,
como resposta a insultos e risadas
sabe apenas cantar suas glórias passadas!

E enfim, se Deus fez as nações curáveis,
se é lícita a esperança
à pátria que descansa
os seus braços, outrora infatigáveis,
se é curável quem vela o olhar mortiço,
semi cerrado, exausto, as palpebras sem viço;

intercede por nós (se ainda nos amas!)
ó Cruz! — e o céu clemente
incendeie esta gente,
p'ra que ela, forte, o olhar lançando chamas,
dê um justo castigo a cada insulto,
erguendo entre as nações o seu antigo vulto!

Fevereiro — Março 1926.

Sintra

FRANCISCO COSTA.

O MILAGRE DAS ASAS

Janeiro. Céu cobalto.
Verde mar de crystal refulgindo. Fragmentos
De espelho estilhaçado, as ondulas refrangem
As coruscações do alto,
Sobre o verde esplendor da Guanabara,
Longos, pausados, tristes, somnolentos,
Doze vezes no azul da manhã clara,
Os grandes sinos plangém.

Silencio. Cauteriza o ardor da soalheira.
Calado o vento. A vela bamba. A leve igára,
Ave morta no mar, vencida de canseira,
Ondula ringideira,
Sobre o verde esplendor da Guanabara.

Vermelhos
Dorsos de índios reluzem como espelhos.
Negras roupetas, requeimando flancos
De corpos brancos.

Uma queixa, um lamento, um rangido de dentes...
Quem se póde conter neste abysmo de fogo?
Quem poderá sorrir entre ascuas inclementes?
Em rôgo,
Ergue a sua oração para a altura infinita,
A alma de um jesuita.

Simplez nodoa no céu, de repente, apparece.
É uma gotta de sangue,
Que das alturas desce.
A comitiva exangue,
Não sabe o que pensar deste mysterio.
Brilhando a deslumbrante claridade,
O azul sidereo
Um bando de asas carmezins invade.

Numa asa rubra a gotta de transmuda;
Multiplica-se em asas sobre a igára.
Desce a nuvem de pennas rumorosas,
Cobrando a gente extasiada e muda.
Sobre o verde esplendor da Guanabara,
Cae uma chuva de purpureas rosas!

— «Os guarás! Os guarás!» Os indios, presa
Do assombro exclamam. Doce sombra amiga
Do para-sol das asas!

Como é suave, agora, a natureza...
Morre a funesta magua da fadiga.
Apagaram-se as brasas!

A equipagem retreme, palpitante,
Do thaumaturgo ante o poder divino.
O domador das cousas e das almas,
Sob as asas espalmas,
Tem, com a força invencível de um gigante,
A humildade innocente de um menino.

Anchieta, de joelhos, transportado,
As mãos erguidas para o céu piedoso,
Tinha na face
Resplandecente, o gozo
Espiritualizado
De um levita, que o pão dos anjos consagrasse.
Eram hostias de Amor, nascidas do seu pranto
E dos seus amaríssimos gemidos,
Sob o pallio das asas rumorosas,
As duas rosas
Dos seus olhos de santo,
De lagrimas floridos!

.....

Apagaram-se as brasas
Da fogueira ao sol, nas aguas velludasas.
E, pelo espaço, desfolhado em rosas,
Vae o pallio de purpura das asas.

De «O Poema de Anchieta».

DURVAL DE MORAES.

MORTE DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

I

Do castanheiro velho, castanheiro antigo
De braços abertos em meditação,

Porque tu não cantas, rouxinol amigo,
Se é um deserto a terra e água tua canção?

Tarde silenciosa. Nem a brisa, o ermo
Beija, acariciando com seu frio amor.

Dorme, ao lado, a serra, Briaréu enfermo,
Nos corcovos negros a estorcer de dôr.

Olha que alguém chora na casinha, ao lado,
Como uma criança que acordou, talvez.

Canta! Uma velhinha lembra o seu noivado,
De olhos embaçados, carcomida a tez.

Canta, velho amigo, a noite vem medonha,
Como o abutre enorme que baixou dos céus.

E a donzella pura, que no leito sonha,
Bendirá teu hymno, ao falar com Deus.

Canta! Canta rouxinol! Vellam os ninhos
A esperar a aurora de tua canção!

E o rouxinol calado, á beira dos caminhos,
Espera o seu amigo, espera o seu irmão.

II

E o mendigo triste, que lhe ouvia o canto,
Tímido e choroso, poz-se a olhar os ceus,
Sem aquella aurora que brilhava tanto,
Estrelejada de ouro, mas de um ouro santo,
Que ás mancheias Christo distribuia aos réus.

Ninguem mais, agora, lhe viria a chaga
Gangrenada, rubra lhe pensar com amor.
Quem se lembraria do infeliz que vaga,
Perro encanecido que a tormenta affaga,
Trapo que a tormenta zurze com rancor?

Pela estrada longa, que nunca termina,
Como uma serpente que é estirada ao sol,
Dia e noite a andar — a que se destina?

Fazem já cem annos que elle peregrina,
Como o vira a aurora via-o o arreból.

E elle só vivia porque dentre todo
O pezar que o vinha machucar sem dó,
Um pregão celeste, as lagrimas em rodo
Lhe estancava, em flôres lhe vestia o lodo,
Lhe banhava em luz o turbilhão de pó.

E era voz de archanjo, estranha, meiga, santa,
Que Deus manda a terra para confortar.
Vóz que traz os astros prezos na garganta,
Pelas mãos de Vesper, vóz que chora e canta
Funda como o oceano, vasta como o mar.

Porque mais a vida, hoje, se lhe esfróla
Ô peito ensanguentado a magoa, como um cão?
Ninguem mais lhe falla, ninguem o consola;
Cessou o gorgoio — que era a sua esmola,
Da Ave soberana — que era o seu perdão!

III

Às tardinhas, calmas, quando o sol descia,
Como um leão herculeo que procura o lar,
Acompanhavam os simples, que iam em romaria,
De aguilhada ao hombro, pela estrada fria,
Para os ver sorrindo, para os abençoar .

Era o seu rebanho, brancos cordeirinhos,
De pupilas cheias de candura e luz.
E se appareciam lobos nos caminhos,
E se rebentavam cardos ou espinhos
Elle os arredava, Filho de Jesus.

E lá iam verdes pinheiraes cortando,
Corpos de criança com chagas de heroes.

E das botas rudes levantava o brando
Manto de poeira, estrellas rutilando,
Nuvens de faulhas, eclosão de soés.

Tinha-lhes estima como se os tivesse
Visto no presepio antigo em que nasceu.
Quando se encontrava percorrendo a mésse,
Como um pae velhinho erguia o olhar em prece
Bemdizendo a vida, agradecendo ao céu.

E se alguém lembrava, nas longas seroadas,
Ao redor do fogo, alguma velha dôr,
Viam-lhe nas faces, tremulas, calladas,
Lagrimas correrem, lagrimas sagradas,
Como o orvalho, á noite, na mangueira em flôr.

IV

Estendei os braços, amparae os pobres,
Braços sacrosantos, corações de nobres!

Collae os ouvidos á bocca do morto.
Ouvi, elle falla. Dae-lhe algum conforto.

Quando virdes, lasso, cahir no caminho
Um pastor, ninae-o como todo carinho.

Ha uma criancinha que ha muito não come;
Mitigae-lhe a fome, mitigae-lhe a fome.

Chora a mãe o filho que morreu pequeno;
Fallae-lhe na Virgem e no Nazareno.

Anda um maltrapilho, fóra, com esse frio;
Dae-lhes boas roupas, dae-lhe bom pousio.

Reza a noiva ao noivo, cheia de esplendores;
Atirae-lhe flôres, atirae-lhe flôres!

Ah! quem faz do peito mysticas cantoras,
Echo ás dores crúas de orphãos e lebreus,

Ah! quem ama os pobres, almas soffredoras,
É quasi divino, traz comsigo Deus.

FRANCISCO KARAM.

BIBLIOGRAPHIA

LETRAS BRASILEIRAS.

«PAE E PATRONO» (*Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá*), por Moysés Marcondes.

Terminada a leitura deste livro, pensa-se cair num mundo desvairado, empobrecido de quasi todas as forças superiores que davam impulso e medida á existencia.

O despertar é duro; não é, porém, repentino; ha transicção, e prolongada, porque a obra de Moysés Marcondes fórma atmospheria, densa, envolvente, sympathica, de que se sáe a contra-gosto.

Uma monographia *in-memoriam*, uma biographia amorosamente minudente, a historia viva duma época, um romance intimista...

«*Pae e Patrono*» é tudo isso, e mais: um livro commovido, mas de commoção discreta, commedida, sem géstos nem exclamações, d'uma belleza interior e recatada.

Que força de alma, a de Moysés Marcondes para poder recriar em torno do leitor, em sua integridade, um ambiente social e moral extincto, que tão poucos vestigios deixou!

É de conhecimento generalizado que sob Pedro II esboçou-se uma certa crystallização social, uma interpenetração assaz harmoniosa das engrenagens, apparentemente inconciliaveis, da vida nacional. A sociedade brasileira adquiriu physionomia propria, característica, como nem antes nem depois possuiu assim tão nitidamente synthetica.

A gravidade amavel, a modestia risonha, a lhaneza patriarchal do imperador reflectiam o espirito do tempo em nosso paiz, e por sua vez enviavam á nação uma radiação serena e nobre, repassada de sabedoria, equilibrada; um pouco estreita, mas consoladora e repouzante.

Haverá um pouco de illusão, nisso, mas os homens do Imperio já nos vão parecendo da grandeza severa dos estadistas norte-americanos da Independencia. Uns e outros não terão sido, talvez, como se os imagina. Não importa. É assim que se faz Historia, até a de melhor qualidade.

O livro de Moysés Marcondes é, desse ponto de vista, muito significativo.

O tom, o *modus*, o colorido emocional são inconfundiveis. O estricto objectivismo da fórma adoptada não impéde que seja

livro personalissimo. Sente-se ali um espirito sólidamente formado, sobre alicérces seguros e bem definidos.

Moysés Marcondes é alguém que sabe conscientemente o que quer, o que ama, o que despreza. Nestes tempos de desorientação, de experimentações sociaes e moraes, constitue irrecusavel superioridade a serena fé no destino final dos homens que Moysés Marcondes foi beber nos desalterantes mananciaes do catholicismo.

«*Pae e Patrono*» é livro de uma dignidade rara, pela elevação dos conceitos, pela solidez e importancia de erudição que nelle transparece, sobretudo pela qualidade, hoje em dia absolutamente excepcional, do sentimento familiar, immenso, dominador, direct até: communicativo.

Uma silenciosa advertencia, este livro, uma lição e um exemplo, para os que já vão desconhecendo o espirito de familia, para os desherdados moraes que, por incapacidade affectiva ou por mal entendida intenção reformadora, não puderam receber a solemne unção do amor dos paes, confirmado pela ternura cordial do carinho fraterno.

Não é obra de moralisação vulgar. Não é Smiles quem exemplifica, com vagas anedotas, preceitos baratos. É um filho falando de seu pae, patrono da cadeira por elle occupada na Academia de Letras do Paraná; um filho fazendo do seu progenitor o mais commedido, discreto mas intimamente caloroso panegyrico que no genero, e em circumstancias identicas, eu conheça.

Vem á lembrança o seu predecessor insigne, Joaquim Nabuco, cuja obra capital, uma das obras capitaes das letras brasileiras, é «*Um Estadista do Imperio — Nabuco de Araujo*».

Totalmente differentes, em sua essen-

cia, essas duas obras. Na de Moysés Marcondes é sobretudo o homem interior que apparece, o estadista, o politico sendo tratado secundariamente.

Isso diz muito da alma do biographado, diz muitissimo da do biographo.

Significa que o biographado era dotado de tal complexo de virtudes que bastára fixal-o sob alguns dos seus aspectos para erguer diante do publico uma figura em verdade de homem.

Significa que, no biographo, é sobretudo o amor e o puro espirito que se manifestam, que nenhum compromisso de mundana vaidade lhe móve o pensamento.

Entretanto, o Conselheiro Jesuino Marcondes foi politico de grande relevo na Provincia do Paraná. Homem de acção, homem de vontade, culto, affavel, generoso, mas energico, o Conselheiro Jesuino dominou e dirigiu os destinos da nóvel provincia por módo a não ser esquecido após á renovação radical que a politica do Paraná soffreu com o advento do regimen republicano.

O Conselheiro Jesuino exerceu varios cargos, exerceu muitos cargos, todos, quasi, aos quaes a carreira politica podia conduzir. Foi Deputado geral em varias legislaturas, Ministro do Imperio, Vice-Presidente, com frequentes exercicios interinos, da sua provincia, á qual ao depois governou como seu Presidente, posto em que o veiu encontrar o 15 de Novembro. Chefe supremo do partido liberal, contava com as mais dedicadas amizades nas proprias noster adversas.

Não se apagou a sua effigie veneranda no coração dos paranaenses. Quasi todas as antigas familias do Paraná guardam a recordação enternecida d'alguma tradição de amizade de pae ou de avô com o illustre patriarcha, a lembrança d'algum

benefício ou d'alguma generosidade do governante ou de chefe político.

Uma aureola de unanime respeito nimba a sua memoria.

A prova?

A recepção feita ao livro de Moysés Marcondes no Paraná, quando da recente viagem do filho á terra que tanto deve ao pae!

A offerenda do illustre escriptor e Academico paranaense aos seus co-estados teve acolhida pressurósa e sympathica, duma espontaneidade vivaz que déve ter commovido profundamente o offerente.

O testemunho de Moysés Marcondes neste livro é salutar e fecundo porque é a vida de uma longa e admiravel ascendencia que elle offerece como exemplificação eloquente e decisiva.

Quando chegamos ao pae, já os avós haviam vivido, agido, criado ambiénte para comprehendermos o heróe principal. Dos bandeirantes, fundadores épicos de cidades, vimos até ao descendente digno delles, que se retira, já na velhice, para o Estrangeiro, afim de que a sua fina sensibilidade moral, irritada pelo tumulto violento das nóvas forças politicas, anarchizadas pela refórma repentina dos costumes politicos, pudésse repouzar e deixal-o viver um tranquillo crepusculo, rodeado apenas de veneração e de amôr.

As paginas de historia propriamente dita que enriquecem o livro, esclarecem-no tambem, e não lhe tiram o tom intimista que lhe dá o encanto maior. Algumas delias são do mais alto valôr, como depoimento directo e documentado. A crise final da monarchia é estudada com notavel percuencia. Insubstituiveis são, porém, as que versam a criação da provincia do Paraná, sobretudo a analyse verdadeiramente nova e agúda da lenta formação dum sentimen-

to paranaense no seio da antiga 5.^a Comarca de S. Paulo.

«*Pae e Patrono*» foi construido sobre base documental de caracter pouco commum no Brasil: a correspondencia. Em trabalho meu publicado ha já alguns annos, e ao depois incluido no «*O Suave Convivio*», tive oportunidade para referir-me a observações de Moysés Marcondes ácerca do descaso com que tratamos a correspondencia dos nossos homens illustres. Emquanto na Europa publica-se edições criticas cuidadosas de vastas correspondencias, nós nada temos feito nesse sentido.

Quando Moysés Marcondes me fálava d'isso pensava, sem duvida, intimamente, no precioso thesouro desaproveitado que jazia em seu archivo: a correspondencia do Conselheiro Jesuino. As citações largamente espargidas pelo livro são boccados de ouro de lei, arrancados áquelle thesouro, que não se acha, ainda depois d'isso, exgottado.

Ha uma gravidade antiga, sem emproamento, uma equanimidade serena e humana, um nobre equilibrio de espirito, na alma que limpidamente se reflecte naquellas cartas.

São ellas o espelho duma vida admiravel.

O seu conjuncto, na moldura carinhosa que Moysés Marcondes lhe deu, é um espectáculo edificante entre os que mais o sejam.

ANDRADE MURICY.

Ensaio de Critica — Alvaro de Carvalho — Imprensa — Official — Parahyba — 1924.

Temos procurado ultimamente inteirarnos da producção propriamente philoso-

phica destes ultimos annos, entre nós, e um dos primeiros livros que nos vieram ás mãos foi este do Sr. Alvaro de Carvalho, sobrecarregado, infelizmente de idéas que, ha uns vinte annos atrás, talvez ainda causassem algum successo entre os representantes da actual agonisante igreja positivoidica brasileira. É um livro verdadeiramente anachronico, onde todos os coripheus da familia hækeliana encontram um apologista ardoroso, que ainda os considera como pioneiros da sciencia contemporanea. Aliás, qualquer das chamadas idéas modernas do fogoso admirador de Augusto dos Anjos, dá-nos a mesma ridicula impressão de um velho, que, envergando com austeridade uma sobrecasaca imperial, se arremeçasse na loucura vertiginosa de uma dança dos nossos dias. Basta acrescentar que, para o Sr. Alvaro de Carvalho, o caduco phenomenismo de Hume concretisa a maxima expressão do pensamento philosophico contemporaneo...

Entretanto, se o esperançoso critico nordesta quizer ter a bôa vontade de procurar qualquer vigario de sua terra, esse homem de Deus lhe dirá certamente qual o maior erro moderno, qual o systema philosophico em que se sustenta essa terrivel heresia, que é o *modernismo*.

Ao lado da philosophia tradicional, da philosophia do senso commum, que vae renascendo de um modo verdadeiramente admiravel, o unico systema philosophico em evidencia nos dias que correm, é a chamada «*philosophia nova*», isto é, o evolucionismo bergsoniano.

E se é verdade que nessa doutrina philosophica encontra o *modernismo* um dos factores que mais concorreram para a sua acção tão pernicioso sobre a intelligencia humana, não é menos verdade que grande foi a sua influencia no anniquilamen-

to do positivismo, do phenomenismo, de todas as modalidades, enfim, de que se reveste o materialismo.

Encerram os «*Ensaio de Critica*» um estudo sobre a obra de Augusto dos Anjos, e alguns ensaios philosophicos em que o auctor, entrincheirando-se por trás do phenomenismo, procura refutar os livros que publicaram os Srs. Conegos Florentino Barboza e Pedro Anisio.

Fez muito bem o auctor em declarar, préviamente, que escreveu o seu trabalho, para suggerir, apenas, algumas duvidas bem serias, duvidas de quem não se afez ainda a estudos philosophicos. E fez muito bem, porque o seu bem amado livro é um tremendo libello contra a sua cultura philosophica e scientifica.

Passo a passo cahe o Sr. Alvaro de Carvalho em contradicção, quando não assume a attitudo irrisória de citar garbosamente uma velharia pseudo-scientifica, rebuscada no seio da litteratura hækeliana.

Defensor ardente do phenomenismo, negando a intelligencia humana toda a possibilidade de chegar ao conhecimento da substancia, da essencia ou da natureza das cousas, o escriptor parahybano accetta, no emtanto, a definição de lei, de Montesquieu, definição segundo a qual «*lei é a relação necessaria que deriva da natureza das cousas*».

Ora, natureza, aqui, é natureza no sentido metaphysico, isto é, «*principio de actividade dos entes*», pois de outro modo não se comprehenderia a definição do pensador frances.

Como julgar-se, pois, tão grande incoherencia?

Certo, poderá objectar o Sr. Alvaro de Carvalho que affirmar a incognoscibilidade da natureza dos seres não implica negar a existencia dessa mesma natureza.

Mas mesmo assim não pôde desvenci-

lhar-se do laço em que cahiu, porque, dada a sua pretensão a homem de sciencia — e da chamada sciencia positiva —, é um verdadeiro contrasenso aceitar uma definição, em que, a seu modo de vêr, todos os termos não sejam reconhecidamente verdadeiros segundo o criterio « positivo » ou « phenomenista » de conhecer a realidade.

Outro ponto em que o Sr. Alvarò de Carvalho patenteia a sua ingenuidade philosophica, é quando, apoiando-se na opinião de Lewes, admira-se de que, ha mais de dous mil annos os primeiros principios de metaphysica não tenham feito o menor progresso.

Ora, se o philosopho da Parahyba tivesse maior dóse de bom senso (e quem sabe se de bôa fé?) veria immediatamente a infantibilidade da objecção de Lewes, pois que, se os primeiros principios são evidentes por si mesmos, é claro como o sól que não pôdem variar com o correr dos annos.

O principio de contradicção, por exemplo, de que se pôde dizer que é anterior a todos os outros principios, poderá, porventura, progredir em alguma cousa?

Certamente que não, por isso que a verdade que nelle se manifesta é evidente, não só objectivamente, intrinsicamente, sinão tambem pela maneira intuitiva ou immediata com que se projecta na nossa intelligencia.

Mas se os primeiros principios não progridem, o mesmo não se dá com a philosophia, que de modo algum é um organismo morto, estatico, mas sim dotado de um dynamismo, de um crescimento que dia a dia mais se accentua, á medida que augmentam os conhecimentos humanos.

Pretende o Sr. Alvaro de Carvalho negar á metaphysica fóros de sciencia, por-

que, diz elle, são os proprios philosophos que affirmam que o conhecimento do *ente em si* é um conhecimento imperfeito.

Mas, seguindo o criterio do esperançoso philosopho nortista, a que ramo do conhecimento humano se poderia dar o nome de sciencia? Às sciencias particulares? Às chamadas sciencias positivas? Certo que não, pois raramente obtemos resposta do segundo *porque* da nossa interrogação, e a palavra *incognoscivel* é a couraça da ignorancia, quando não disfarça a covardia da intelligencia para entrar em posse da verdade.

É incontestavel que, dado o limitado poder de nossa intelligencia não podemos conhecer de um modo integral toda a realidade, e é neste sentido que devemos interpretar este pensamento de Pascal, de que « nous ne savons le tout de rien ».

Por isso o facto de se não poder chegar ao conhecimento completo da essencia da realidade, não tira, de modo algum, o character absolutamente scientifico da metaphysica, que é, sabidamente ou não, a base solida de toda a sciencia humana.

Poderíamos dissecar, linha por linha, todo o trabalho do Sr. Alvaro de Carvalho, mas isso nos levaria a escrever alguns volumes. Por conseguinte, fiquemos por aqui, aconselhando a S. S., a quem se não pôde negar preciosos dotes de escriptor, a não se arriscar em seára alheia, sobretudo quando não se conhece bem o terreno que se vae pizar...

HAMILTON NOGUEIRA.

Outras terras e outras gentes —
Raimundo de Menezes, Fortaleza 1926.

Um dos proveitos das peregrinações do Anno Santo, foi o enriquecimento da nossa

litteratura de impressões de viagens. Depois da «Á Roma e á Terra Santa» do Padre José Castro, appareceu um opusculo da Senhora Maria Felicio dos Santos. Agora acaba de apparecer, em Fortaleza, um livro de um outro peregrino, o Sr. Raimundo de Menezes, tambem de narrativa da memoravel viagem do Anno Santo, sob o suggestivo titulo «Outras Terras e Outras Gentes».

O Sr. Raimundo Menezes tem boa e elegante expressão litteraria. É clara e sabe espalhar e combinar as tintas e as côres quando traça os quadros que os seus olhos contemplaram com deslumbramento. É um observador e um analysta, e possui a sciencia de interessar e commover.

Seus companheiros de peregrinação, lendo essas paginas de uma encantadora simplicidade, reviverão os momentos de felicidade e de emoção que a viagem lhes proporcionou. Mas todo mundo, encontrará no livro do jovem escriptor cearense motivos para se felicitar de o haver lido, pois que é realmente interessante como elemento informativo e como expressão de bom gosto litterario.

O Catholicismo e a Mulher — José de Mesquita — Ed. Escolas Profissionaes Salesianas Cuiabá, 1926.

Trata-se de uma conferencia em que o autor resalta a obra de dignificação da mulher operada pelo Catholicismo da civilização occidental. Merece ser lida attentamente porque o Autor, em boa forma litteraria soube dar um encanto novo ao velho e consagrado thema, prestando uma

valiosa homenagem á Religião dos nossos maiores.

P. G.

A Serpente que dança — Nova Era — Veiga Miranda — Empresa Ed. — S. Paulo — 1925.

Em todos os livros do Sr. Veiga Miranda, maximé nos que completam a sua obra de ficção, jamais deixamos de unificar um robusto talento, um serio amor da obra séria, isenta das falhas de toda a improvisão, o que maior louvor sempre nos mereceu por ser o autor um jornalista, isto é, um homem que, geralmente, por se sentir no dever de improvisar a todos os momentos, acaba por se attribuir o direito de improvisar em todos os dominios de sua actividade espiritual, mesmo naquelles a que não o chama nenhuma obrigação. Uma cousa, porém, chocava-nos constantemente no seu pessimismo: uma certa tendencia doutrinaria que, partindo de incertas fontes ideologicas, de obscuras e indefinidas ideologias, lançava sobre as suas vastas paisagens passionaes, uma lastimavel confusão, uma neblina de meias idéas, de suspeitos philosophismos, evidentemente prejudiciaes ao seu bom gosto litterario.

O apparecimento d'*A Serpente que dança*, dado o titulo já de si um pouco suspeito, foi, para nós, uma pequena decepção. Seria uma irrupção, mais violenta, dos incongruismos do romancista philosophante. E quase não o lemos por isto. Mas foi bom que assim não fosse. A amizade que dedicamos ao autor foi mais forte que o desejo de evitar uma decepção. Lemos o

livro do Sr. Veiga Miranda e, eis o que temos, com prazer, a confessar: *A Serpente que dança* se nos afigura a melhor das suas obras de ficção, e um dos livros mais falizes, de que se podem gabar as letras brasileiras nestes ultimos annos.

É um livro de bohemia. Dir-se-á que ha scenas ou, pelo menos, suggestões que deveriam chocar uma sensibilidade catholica. Mas é não confundir sensibilidade com *sensiblerie*. A vida humana não é idyllo innocente. A arte tem, até onde não haja proposito de engendrar, de crear o mal, tem que o reflectir, tem que apprehender da vida o que a vida tem de irremediavelmente triste, falho e miseravel. A arte está, porém, em exaltar a visão normal da vida, sem lhe alterar a natureza, de corresponder á realidade. E é o que, neste livro, soube fazer o Sr. Veiga Miranda.

Mas o que mais é admiravel nesta obra, não é só a visão esthetica mas sobretudo a qualidade da exaltação. Não é rara a exaltação de tristeza, a exaltação que resulta do choque entre o sentimento da belleza e da harmonia e as grosseirias da vida.

Rara, porem, a exaltação no sentido da alegria, da jovialidade, resultante de uma destreza de espirito, da singular fluidez com que lhe é possível, ás vezes dansar entre as arestas mais hostis. Pois bem: *A Serpente que dança*, livro que narra mais de um facto triste, que contem mais de um montão de melancolias, é este raro livro alegre, vivaz, jovial, com que o Brasil tambem precisa dotar a sua litteratura. E não ha dizer que elle é alegre porque producto de uma sensibilidade vulgar, de uma visão corriqueira da vida. Não e não. Ao Sr. Veiga Miranda não falta a noda ajuda de sentimento e até o seu vicio, como novellista, é, como notamos no inicio desta noticia, um certo pendor para usar de prismas singulares em face da vida.

Este seu livro se não é leitura recommendavel a donzelas e donzelos pudicos, é leitura que fará bem a engorgitados moeraes. Um catholico de consciencia e não só de rabugice poderá lel-o com o maior agrado.

J. de F.

OS NOSSOS LIVROS

A proposito do seu livro «A Doutrina da Ordem», o nosso confrade Hamilton Nogueira, recebeu as seguintes cartas, de S. Ex. Revma. D. Sebastião Leme, Arcebispo Coadjutor do Rio de Janeiro, e dos illustres escriptores francezes, Auguste Viatte e Émile Dermenghem.

Rio, 10 — 1 — 1926.

Meu caro Dr. Hamilton, só agora aproveitando poucas horas de descanso em Jacarépaguá, é que pude formar o meu juizo sobre o seu livro «A Doutrina da Ordem». Sem vislumbre de exageração, posso e devo dizer-lhe que o Sr. fez trabalho de folego: serio, substancioso e elevado.

Como obra de pensador e sociologo. «A Doutrina da Ordem» honra devéras o seu auctor e honra a intellectualidade catholica. Queira, por isso, aceitar-me os parabens calorosos de amigo e admirador, e os agradecimentos de bispo.

Não lhe seria leal, si calasse um voto que deante de Deus formulo: — é que se lhe esbata no espirito de observador essa tonalidade pessimista com que ajuiza o catholicismo brasileiro. Si o Sr. conhecesse o que eramos ha 20, 30 annos,

seria todo applausos á incipiente e victoriosa acção catholica nacional.

† Sebastião, A. C.

o o o.

Paris — 14 — XII — 25.

Monsieur,

Je vous remercie vivement d'avoir eu l'aimable pensée de m'envoyer votre si interessant ouvrage a doutrina da Ordem. Malgré mon imparfaite coonnaissance de la langue portugaise j'ai pu lire l'étude que vous avez bien voulu consacrer à mon livre «Joseph de Maistre Mystique» et je suis très honoré d'aavoir attiré votre attention et de voir mon ouvrage examiné si pertinemment. Je crois que les réserves et les critiques que vous faites viennent plus encore à des questions de mots qu'à des divergences profondes, et je suis persuadé que ce qui nous unit l'emporte de beaucoup sur ce qui peut sembler nous diviser.

Peut-être minimisez vous l'influence de la

théosophie martiniste sur J. de Maistre qui est attestée par des textes.

J'ai d'ailleurs eu soin de réfuter la thèse opposée qui exagérait les dettes de J. de M. à l'égard du Philosophe Inconnu Historien, j'écarte tout apriorisme, et ne juge pas Maistre d'après l'idée qu'on se fait de lui, mais d'après les données positives. Mon but a été de montrer combien il était plus intéressant, plus large, plus libéral, plus profond et plus ample que le portrait conventionnel et caricatural qu'on avait l'habitude de tracer de lui et l'avait rendu si impopulaire. Son traditionalisme n'a rien de fossile et d'étroit, mais est au contraire tourné vers l'avenir et fécond.

Je demande aussi grâce pour Bergson pour qui vous êtes sévère. Sa belle réfutation du matérialisme n'a pas peu contribué à ramener beaucoup d'esprits au catholicisme.

Veuillez agréer, Monsieur, avec mes remerciements l'expression de ma sympathie et de mes sentiments dévoués en Notre-Seigneur.

Émile Dermenghem.

○ ○ ○

New-York, 3 Mars 1926.

Cher Monsieur,

Je vous remercie vivement de votre « Doctrine de l'Ordre », ou vous comprenez que j'aie goûté surtout vos pages étincelantes et pleines d'érudition sur notre grand Joseph de Maistre. Vous voyez que

je l'étudie moi-même depuis longtemps: plus je pénètre sa pensée, l'admirable équilibre, la merveilleuse compénétration de son intelligence et de sa foi, et plus je suis tenté de m'écrire avec le Dante:

Tu sei il Duca e il Maestro!

Votre livre m'intéresse d'autant plus vivement qu'il discute à fond celui de M. Dermenghem, et parfois le corrige sur des points ou vraiment ce critique exagère. Certainement Dermenghem rend un service inappréciable lorsqu'il analyse l'influence martiniste sur Maistre: mais la découverte qu'il en fait l'éblouit, et le poussa à trop négliger les différences qui les séparent. C'est un état d'esprit fort naturel et que j'ai partagé, jusqu'à ce que, la plume en main, j'aie récapitulé le pour et le contre.

Dermenghem cède aussi trop souvent à la tentation dangereuse de commenter Maistre par le moyen de textes illuminés, il le rapproche trop souvent — comme vous le lui reprochez — d'un Papius ou d'un Eliphas Lévi. Cependant je ne verrai pas dans le martinisme du comte une simple crise de jeunesse: il n'y a eu pas de crise dans son existence; il a cru, de très bonne foi, pouvoir associer le catholicisme aux enseignements de la théosophie, plus tard il a cessé de le croire, voilà tout. Et d'ailleurs il faut observer qu'après s'en être éloigné jusqu'à la colère, vers 1810, il adoptera vers la fin de sa vie une attitude plus indulgente. On comprend très bien le *pourquoi* de cette indulgence, lorsque l'on jette ses regards sur d'autres illuminés que les martinistes: plusieurs, en Allemagne protestante, inclinent vers l'Église romaine, et même y retournent, comme Stolberg et Zacharias Werner; d'ail-

leurs, Willemorz, ainsi que ses papiers inédits me l'ont prouvé, n'a pas cessé de pratiquer le catholicisme, et voyait dans la franc-maçonnerie — tout comme son disciple momentané — un moyen de le propager.

Le meilleure formule qui me paraisse rendre compte de son attitude, c'est celle qui le compare à St. Thomas s'inspirant d'Aristote. Il n'aura pas de scrupule à cueillir chez St. Martin toutes les idées fécondes qui lui semblent compatibles avec les enseignements traditionnels: mais l'esprit d'obéissance le détournera de toute ce que les méditations indépendantes peuvent comporter d'orgueil. De là vient que les *Soirées* sont toutes nourries de discussions et d'arguments empruntés à l'illumination, sans que faiblisse un instant leur orthodoxie. Même sur le point de la «troisième révélation» — ou le silence bienveillant do comte me paraît impliquer son acquiescement on sent bien qu'il s'inclinera devant la première réprimande venue de Rome.

Savez-vous que Dermenghem a publié dans une collection dont c'est le seul volume recommandable, le *Mémoire du duc de Brunswick?* (Chez Rieder, sous le litre: *la Franc-maçonnerie*. Cela pourra vous intéresser, bien qu'à mon sens il ne faille pas attribuer une importance excessive à cet écrit de jeunesse.

Croyez-moi, cher Monsieur, votre bien sincèrement dévoué.

Auguste Viatte.

o o o

Levíticas. — de Francisco Karam.

Eis a bella apreciação do Sr. Tristão de Athayde, sobre esse livro do nosso brilhante confrade Francisco Karam.

É uma poesia fluida, como a realidade é fluida para as almas religiosas. Inconsistente, como o mundo o é para ellas. Ephemera. Diluida. Subtil. É bem aquelle poeta em si, de que acima disse, para quem o mundo interior é a verdadeira realidade viva, tangível, eterna.

Não uma alma ardente de paixão. Mas ardendo em ratacções, em gestos e pensamentos, em fórmulas e aspirações, que destróem o mundo que os sentidos nos fornecem.

Eu accendo uma fogueira no meu peito,
E fico a olhar a alma vermelha das cham-
[mas

Agasalhado pelo seu calor.
Às vezes me chego ás janellas das pupillas
E olho. Lá fóra faz tanto frio!
E eu cerro as grandes cortinas silenciosas
Das palpebras, ao mundo.

Poeta de interioridade. Dessa vida de entretons em que materia e espirito se transfiguram numa realidade unica. Poeta alheio ás condições de tempo, ás solicitações de espaço. Para quem o mundo é realmente uma simples expectativa, um estagio. E o proprio mal é um presentimento do bem eterno.

Tu te desesperas ante a propria fraqueza,
Sentes os limites dos teus braços,
O horizonte dos teus olhos...
O que desejas, chega imperfecto.

O teu sonho esmaece
Ao contacto de teus dedos.
Vês o Ideal através a fresta dos teus olhos.
E, quando tentas aprehendel-o, esbarras
Na vidraça enorme da illusão.

Alguem clama dentro de ti
E nada o satisfaz
Nem o teu corpo,
Nem o corpo de todas as outras coisas.
— É a prova de que não estás
Na tua verdadeira morada.

Como estamos longe aqui da religiosidade banal e puramente exterior da poesia edificante. Ha realmente neste poeta de valor que se inicia uma chamma alta e ardente de mysticismo. Qualquer coisa de estranho, de longinquo, de distrahido...

o o o

«*Symphonia Evangelica*» — Carlos Magalhães de Azeredo.

Sobre esse livro, assim se manifestou o illustre critico do «O Jornal», Sr. Tristão de Athayde.

«Já tive occasião de dizer como o espirito do sr. Magalhães de Azeredo sempre oscillou entre a Roma dos Cesares e A Roma dos Papas. Nesta sobria e severa *Symphonia Evangelica* ainda é a mesma massa poetica que apparece, em que o sentimento christão inspira o espirito do livro e a expressão classica molda a forma da expressão. Aquelle verso de rythmo

classico, que procurou aqui introduzir ha mais de vinte annos, e que nas suas *Elegias Romanas* tivéra accento da mais alta nobreza de expressão, — ainda é o mesmo em que canta a meditação de Jesus, os primeiros insultos, as primeiras angustias, os primeiros presentimentos de gloria. É a *Symphonia* desses annos de incubação desses dois mysteriosos decenios que abrem um parenthesis de sombra, entre as duas luzes: — a da Caverna inicial, (em que o divino Triangulo se abria para o mundo, como symbolo imperecivel da familia e o imperio da infancia na marcha das coisas humanas desde então), e a luz da montanha final, que até hoje abala os homens como ha dois millenios.

Versos sem paixão nem movimento. De uma sonoridade monotona. Intellectualizados. Fixados. Claros demais para commoverem a intelligencia. Seccos demais para arrastarem o sentimento. Mas revelando, como sempre, uma grande alma nobre, pura, superior, escondendo uma sensibilidade profunda que foge á publicidade, que se retrae, que se fecha cada vez mais num mundo de sobriedade e de recato».

CATALOGO DA LIVRARIA CATHOLICA

(Sob os auspícios do Centro D. Vital)

Rua Rodrigo Silva, 7 — Rio de Janeiro.

COLLECÇÃO EDUARDO PRADO:

<i>Pascal e a inquietação moderna</i> — Jackson de Figueiredo	4\$000
<i>O Clero e a Independencia</i> — D. Duarte Leopoldo	4\$000
<i>Ensaio de Critica Doutrinaria</i> — Perillo Gomes	4\$000
<i>Pelo Altar e pela Patria</i> — Placido de Mello	4\$000
<i>As Duas Bandeiras</i> — Alcibiades Delamare	4\$000
<i>Cheia de Graça!</i> — Durval de Moraes	4\$000
<i>A Theosophia</i> — Perillo Gomes	5\$000
<i>Julio Maria</i> — Jonathas Serrano	5\$000
<i>Auta de Sousa</i> — Jackson de Figueiredo	2\$000
<i>Affirmações</i> — Jackson de Figueiredo	5\$000
<i>Litteratura reaccionaria</i> — Jackson de Figueiredo	4\$000
<i>Historicidade da existencia humana de J. Christo</i> — Lucio José dos Santos	5\$000
<i>Symphonia Evangelica</i> — Carlos Magalhães de Azeredo	3\$000
<i>Leviticus</i> — Francisco Karam	3\$000
<i>A Doutrina da Ordem</i> — Hamilton Nogueira	5\$000
<i>Durval de Moraes e os Poetas de Nossa Senhora</i> — Jackson de Figueiredo	5\$000
<i>A Columna de Fogo</i> — Jackson de Figueiredo	5\$000

LITTERATURA

<i>Praieiros</i> (romance) — Xavier Marques, broch.	3000\$
<i>A bôa madrasta</i> (romance) — Xavier Marques, broch.	3\$000
<i>A Lyra franciscana</i> (vérsos) — Durval de Moraes, broch.	2\$000
<i>Humilhados e luminosos</i> — Jackson de Figueiredo, broch.	3\$000

<i>Marina</i> (poemeto) — Francisco Karam, broch.	3\$000
<i>O que tinha de ser...</i> — Mario de Alencar, broch.	4\$000
<i>Dentro da vida</i> (romance) — Ranulpho Prata, broch.	3\$000
<i>O lyrio na torrente</i> (romance) — Ranulpho Prata, broch.	5\$000
<i>Horto</i> (poesia) — Auta de Souza, broch.	5\$000
<i>O livro de Job</i> — José Eloy Ottoni, broch.	4\$000
<i>Raphael</i> — Lamartine, enc.	20\$000
<i>Historia de Simão de Mantua</i> — Laurent de Jussieu, enc.	9\$000
<i>Essais de psychologie</i> — Paul Bourget, 2 vol. broch.	10\$000
<i>Pastels et eaux-fortes</i> — Paul Bourget, 1 vol. broch.	5\$000
<i>Outre Mer</i> — Paul Bourget, 2 vol. broch.	10\$000
<i>Études, et portraits</i> — Paul Bourget, 3 vol. broch.	15\$000
<i>Némésis</i> — Paul Bourget, 1 vol. broch.	5\$000
<i>Le Tribun</i> — Paul Bourget, 1 vol. broch.	5\$000
<i>La Bataille</i> — Paul Bourget, 1 vol. broch.	5\$000
<i>Recommencements</i> — Paul Bourget, 1 vol. broch.	5\$000
<i>L'irreparable</i> — Paul Bourget, 1 vol. broch.	5\$000
<i>Le fantôme</i> — Paul Bourget, 1 vol. broch.	5\$000
<i>La Dame qui a perdu son peintre</i> — Paul Bourget, 1 vol. broch.	5\$000
<i>Les Détours du cœur</i> — Paul Bourget, 1 vol. broch.	5\$000
<i>Le justicier</i> — Paul Bourget, 1 vol. broch.	5\$000
<i>La terre promise</i> — Paul Bourget, 1 vol. broch.	5\$000
<i>Cosmopolis</i> — Paul Bourget, 1 vol. broch.	5\$000

MUNDIAL

REGISTRADA

Manufatura de calçado em grande escala

Mechanismos: — "Stitchdown" — "Goodyear"

Os que produzem com a maxima perfeição e solidez

OOOOOOOOOOOOOOOOO

AYRES d' ANDRADE

98, Rua Camerino, 98

Tel. 167 Norte —:— Telegr. FAMALICÃO

Tipos especiaes de calçado adoptados nas classes armadas. Fornecedores do
Exercito e forças publicas Estadoaes

RIO DE JANEIRO

Deposito de Saccos

NOVOS E USADOS

Barbante, Aniagem e tudo mais pertencente
a este ramo

END. TELGR. "SACCOS"

CODIGOS: Ribeiro, Particular e Borges

Gomes, Vidal & C.^{ia}

2, Rua da Prainha, 2 — Tel. Norte 7369

Rio de Janeiro

157
Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada

Banco Popular do Brasil

Instituição Catholica de Credito, Fundada em 1915

End. Teleg. "BANSIL"

Rua Sachet, 28

Teleph. Norte 570

Emprestimos populares

DEPOSITOS:

CONTA DE MOVIMENTO

Até 30 dias, sem juros;

Mais de 30 dias até 10:000\$000, retirada livre 4 %

DEPOSITOS POPULARES

Até 20:000\$000, retirada de 1:000\$000 por dia 5 %

Qualquer quantia, retirada de 500\$000 por dia 6 %

PRAZO FIXO

Até 50:000\$000, em caderneta ou letra de:

6 a 11 Mezes. 7 %

12 ' 24 ' 8 %

24 Mezes em diante. 9 %

Nenhum depositario poderá movimentar mais de uma caderneta de 4 %.

A DIRECTORIA

N.Cham. 056.9798 / 15 / P

Títular A caderneta

Felix M.

eiros,